

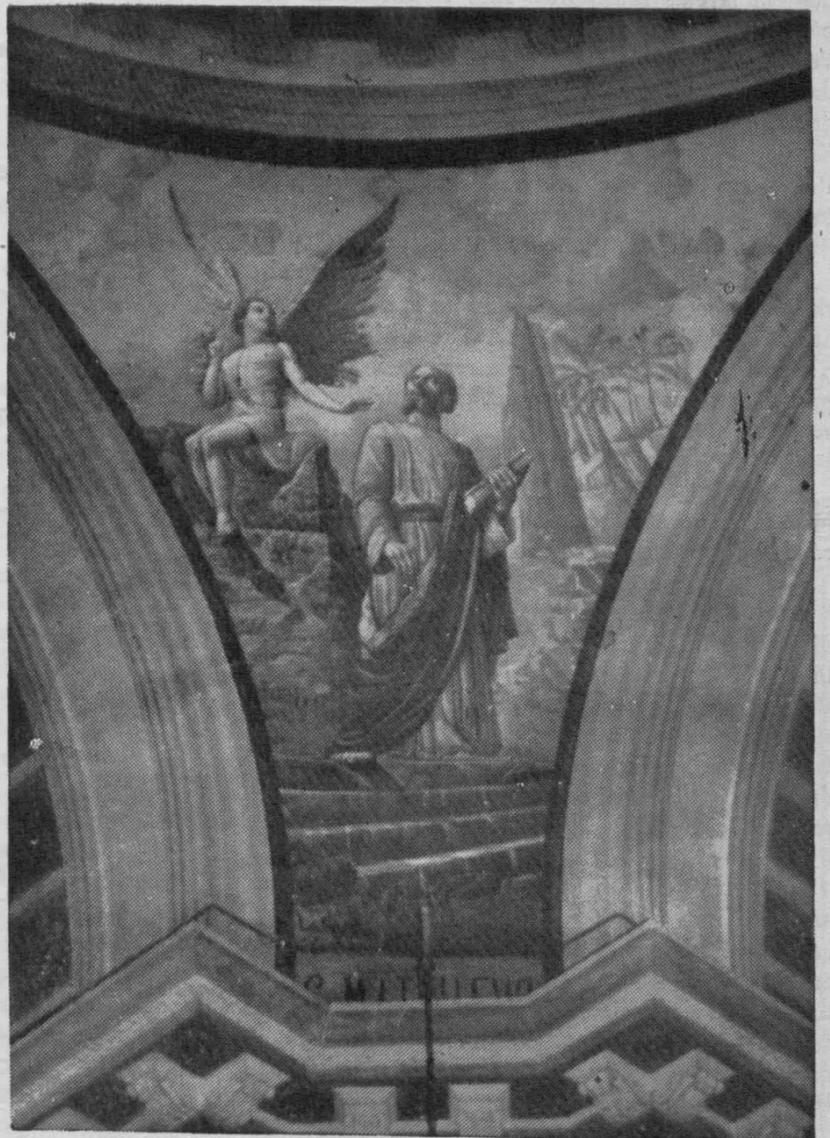
## MEDICINA FESTEJA SEUS 50 ANOS



AMPLA PROGRAMAÇÃO ASSINALOU A PASSAGEM DO CINQUENÁRIO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. O PONTO ALTO DAS COMEMORAÇÕES FOI A SESSÃO MAGNA DA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE, QUE CONTOU COM A PRESENÇA DE ALTAS AUTORIDADES, MESTRES E ALUNOS. A SESSÃO FOI PRESIDIDA PELO REITOR MURILO GUIMARÃES (FOTO). A PROGRAMAÇÃO DOS FESTEJOS FOI ELABORADA POR UMA COMISSÃO FORMADA PELOS PROFESSORES ROMERO MARQUES, ARTUR COUTINHO, ANTÔNIO FIGUEIRA, AMAURY COUTINHO, LEDUAR DE ASSIS ROCHA E SALOMÃO KELNER. NELA FORAM PREVISTAS HOMENAGENS ESPECIAIS AOS PROFESSORES JOAQUIM AMAZONAS, PRIMEIRO REITOR DA UFP; E OTÁVIO DE FREITAS, FUNDADOR DA FACULDADE DE MEDICINA. MATÉRIA NA PÁGINA 5.

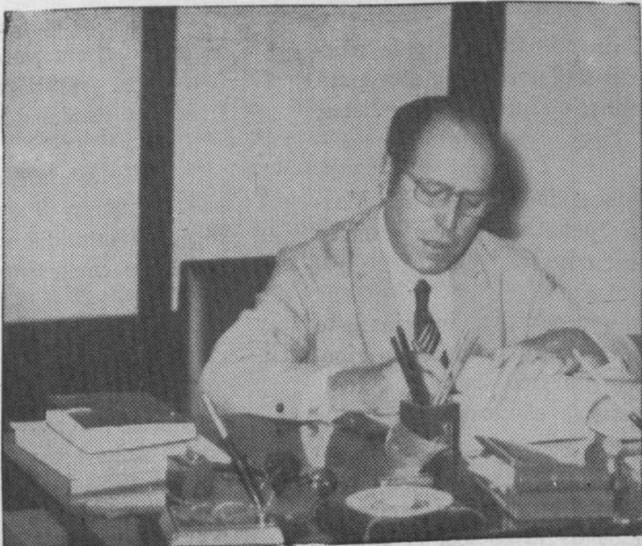
## Os afrescos da Penha

*Ao pé da cúpula da Basílica de Nossa Senhora da Penha, no Recife, estão os únicos afrescos realizados em igrejas brasileiras. Seu autor é Murilo La Greca, um dos fundadores da Escola de Artes da UFPe. Na página 2, o leitor encontrará reportagem sobre os afrescos, um dos quais é o da fotografia ao lado.*



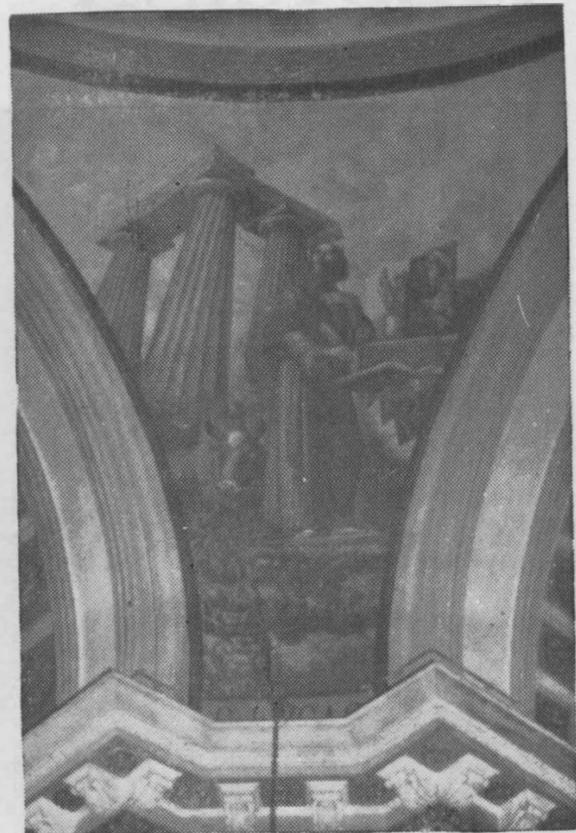
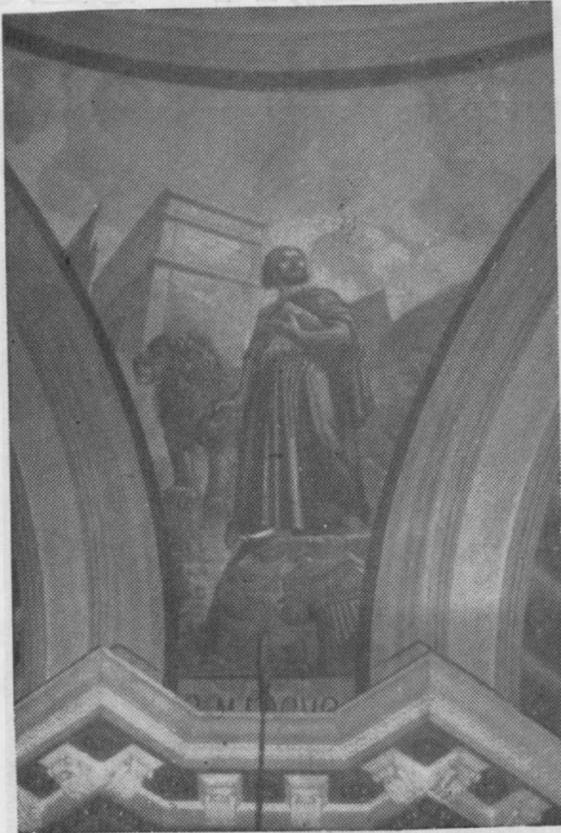
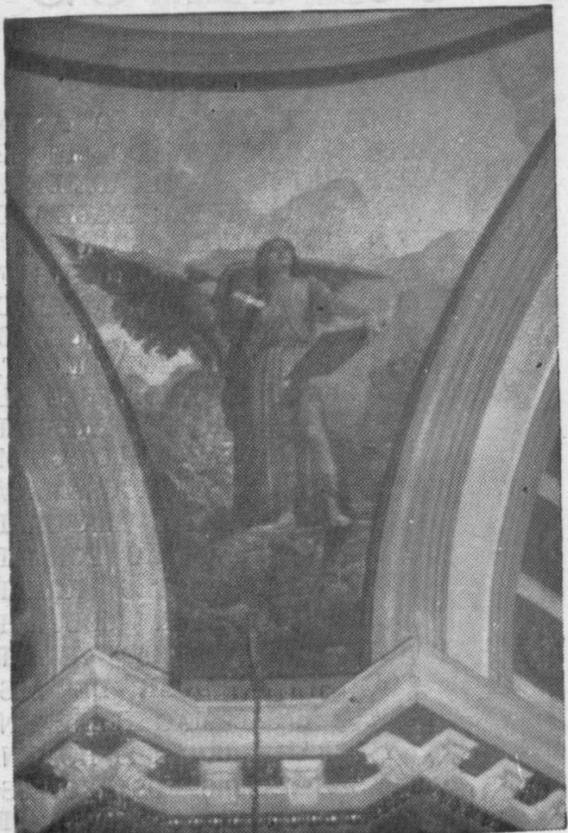
### ESAUFP tem novos cursos

A Escola Superior de Administração da Universidade Federal de Pernambuco se prepara para realizar os Cursos de Administração do Nordeste. Seu diretor, o professor Higinio Barbosa Lima (foto), em declarações ao Jornal Universitário, anunciou uma série de melhoramentos naquela unidade da UFPe. Matéria na P. 7.



## ESCOLA DE ARTES PERDE PROFESSOR

# Os Quatro Evangelistas de La Greca Embelezam a Penha



O Recife possui os únicos afrescos realizados em igrejas brasileiras. Eles se encontram ao pé da cúpula da Basílica de Nossa Senhora da Penha. Seu autor: Murilo La Greca, um dos fundadores da Escola de Artes da Universidade Federal de Pernambuco. Murilo, é, segundo o prof. Ernesto de Souza Campos, da Universidade de São Paulo, um dos nomes notáveis no domínio da pintura, entre os artistas brasileiros.

La Greca é nome que já atravessou fronteiras e conhecido de quantos se interessam pelas artes plásticas aqui no Recife. Nos últimos anos, o pintor vive recolhido em sua residência em Apipucos, entregue aos seus desenhos, à música e às vozes da natureza.

O JORNAL UNIVERSITÁRIO vem lembrá-lo para as novas gerações, sendo a melhor maneira de prestar-lhe uma homenagem.

Murilo La Greca nasceu em Palmares, foi discípulo, no Recife, de Carlos de Servi. Trabalhou, depois, no Rio, sob a orientação dos irmãos Bernardelli. A essa altura já estava patenteada sua vocação artística. La Greca foi para a Itália, fixando seu atelier em Roma, onde frequentou, durante quatro anos, o Real Instituto de Belas Artes e a Academia do Nu.

Depois foi à França, lá permanecendo três anos. Assim preparado, regressa ao Brasil para, aqui, dedicar-se à sua profissão. Dez anos mais tarde, rumo outra vez para a Europa. Queria estudar, aprofundar-se nos processos da pintura a fresco; foi o seu orientador o prof. Emílio Notte, catedrático de decoração da Real Academia de Belas Artes de Nápoles.

“Os Últimos Fanáticos de Canudos”, é o título de uma tela que realizou, de volta ao Brasil, inspirada em “Os Sertões” de Euclides da Cunha; com essa tela, foi detentor da medalha de prata, no Salão Oficial do Rio de Janeiro.

Sua vasta produção encontra-se espalhada no Rio, S. Paulo, Roma, Nápoles e Munich.

A crítica européia da época foi-lhe sempre muito elogiosa. Um crítico, referindo-se à beleza da paisagem brasileira contida nos seus quadros, escreveu: “La sua pittura vive di queste fantastiche sugestioni e le trasmette com linguaggio semplice e chiaro alla mente dell’osservatore”.

Entre suas mais conhecidas telas, no Brasil, figuram “A Hora Nona” de grandes dimensões, outra no Palácio do Governo, “A execução de Frei Caneca”, “São Francisco de Assis falando aos Pássaros” que se encontra no Palácio São Joaquim, no Rio.

## Os Quatro Evangelistas

Os críticos brasileiros do sul do país afirmam: “Vale a pena ir ao norte, somente para ver, na Basílica da Penha, os quatro evangelistas, de Murilo La Greca.

São João, São Mateus, São Lucas e São Marcos, formam os quatro “penachos”, ângulos entre as arcadas sob a grande cúpula.

Toda a composição decorativa, imaginada e executada por Murilo La Greca obedeceu a rigoroso conceito histórico e litúrgico.

Os quatro evangelistas são executados pela difícil arte do afresco que, poucos pintores, sabem manejar. É considerado o mais delicado dos processos de exibição da obra artística no campo da pintura. “Dispensa todos os artifícios. O veículo da cor é a água e sua aderência à superfície é determinada pela própria argamassa que, sob a ação do gás carbônico, cristaliza, garantindo a resistência e insolubilidade da pintura. A maior qualidade do “afresco” consiste na transparência das cores, que não pode ser conseguida com a pintura a óleo. Essa transparência confere ao

“afresco”, incomparável beleza. Eis por que os monumentos sacros preferem os afrescos como os que se encontram na Capela Sixtina, na Capela Paulina e outros recintos onde, por séculos, brilha gênio de Miguel Ângelo”.

## A Basílica da Penha

Esse monumental templo da capital Pernambucana é o único que possui pinturas pela técnica do “afresco”.

A basílica, inaugurada a 6 de novembro de 1870, está, portanto, bem próxima a completar o seu primeiro século de existência.

Em estilo renascente lembra, guardadas as proporções, a Basílica de São Pedro, em Roma.

Todas as rosáceas que a decoram são, verdadeiramente, em puro ouro. A sua cúpula magnífica deixa transparecer a luz, conferindo aos afrescos a luminosidade externa.

A beleza arquitetônica da Basílica da Penha, a riqueza de sua decoração, conferem-lhe um lugar de destaque entre os mais importantes monumentos em território nacional.

## Capuchinhos

Ligados à Basílica, estão o convento dos capuchinhos e o museu D. Vital, o bispo capuchinho, cujas obras estão bem identificadas com a história de nosso Estado.

Os restos mortais de D. Vital encontram-se guardados numa das naves da Basílica.

No ano do centenário de fundação da Basílica vale a pena visitar e admirar esse magnífico templo que contribui, com sua imponência, para o enriquecimento de nossos monumentos históricos.

BARBOSA LIMA SOBRINHO

### Tropicologia debateu problema do Ensino Médio na sua 4a. reunião

O Seminário de Tropicologia da UFPE. realizou a sua quarta reunião mensal, deste ano, tendo como conferencista a Pro-Reitora para assuntos Acadêmicos da Universidade, professora Maria Antônia Mac Dowell, que abordou o tema "Educação Média e Trópico". Os trabalhos foram coordenados pelo escritor Gilberto Freyre.

A conferência suscitou debates importantes, tendo em vista a amplitude e atualidade do tema. A educadora Maria Antônia analisou a problemática do ensino médio, focalizando os aspectos históricos, ecológicos, sociais, econômicos e pedagógicos propriamente ditos, da questão. Sua conferência foi por demais enaltecida, notadamente a maneira como foram colocados os problemas.

#### COMENTÁRIOS

No seu comentário à conferência, o padre Luiz Gonzaga Brito opinou, depois de tecer comentários elogiosos ao trabalho da professora Maria Antônia, que a educação deve ser integral, o educando recebe uma formação completa, tanto do ponto de vista essencialmente científico, como também no aspecto cívico e religioso.

O educador Carlos Maciel, por sua vez, ao tecer comentários ao tema desenvolvido pela conferencista, declarou que, infelizmente, existem mais reformas nominalistas do que propriamente substanciais e objetivas do ensino médio no Brasil. Defendeu uma educação aberta, capaz de acompanhar as transformações tecnológicas da época. Para ele, o ensino médio deve ser ministrado de maneira a formar no educando uma consciência voltada para o labor.

#### PROPOSTA

Durante a segunda parte dos trabalhos, em que os membros do plenário são convocados a opinar sobre as exposições feitas pela conferencista e comentadores, o humanista Nilo Pereira propôs à coordenação do Seminário, o seguinte:

Que os esclarecimentos, estudos e discussões trazidos ao Seminário, sobre problema educacional do País, sejam levados ao conhecimento do ministro Jarbas Passarinho, da Educação e Cultura, tendo em vista que, essa comunicação representaria uma contribuição às soluções que o ensino reclama, presentemente. "Essa contribuição que pode ser feita pelo Seminário de Tropicologia da UFPE., puramente desinteressada, visa apenas à formação do educando como um ser adequado ao seu contexto sócio-cultural".

Ao ser interpelado pela coordenação dos trabalhos a respeito das questões apresentadas, o cientista Ruy João Marques fez algumas colocações importantes do ponto de vista médico-tropical, ao problema da educação média. Opinou, por exemplo, que o aluno deve ser objeto de uma formação completa, devendo, para isso, ser levados em conta todos os fatores que estão ligados direta ou indiretamente ao comportamento do educando, desde o problema específico do nível do ensino, aos aspectos relacionados com o clima, vestuário, bancos escolares, participação do aluno nas atividades esportivas, etc.

Fenômeno auspicioso, e dos mais significativas no Brasil de hoje, é o ingresso de diversas Universidades em atividades editoriais. Em certos Estados, não haverá tanta necessidade dessa iniciativa, quando existe um mercado consumidor em condições de garantir o êxito das edições, como seria o caso de S. Paulo. Mas mesmo em relação a S. Paulo, pode-se dizer que há estímulos apenas para os livros de mercado garantido como os escolares e os romances e os de saída comercial fácil. Não existem, todavia, condições para as obras de alta cultura, de público naturalmente limitado, forçando a dispêndios de capital enorme para uma recuperação lenta, na melhor das hipóteses, o que bastaria para desinteressar as edições. E nos demais Estados, quase todos, por assim dizer, não há nenhum ambiente para a publicação de livros. E é exatamente nesses outros Estados, que as Universidades de maiores recursos estão aparecendo, com uma disposição rara e meritória, que bem se recomendaria a um levantamento informativo, por intermédio do Instituto do Livro, para que se pudesse conhecer o que a cultura brasileira já está a dever às suas principais Universidades.

Suponho que, entre as primeiras, que atuaram nesse sentido, estão a Universidade de Minas Gerais, com o professor Orlando M. de Carvalho, a do Rio Grande do Sul, com o professor Luís Pila, e da Bahia, ajudada, em grande parte, pela Livraria Progresso, que procura dar às suas edições um sentido cultural e regional merecedores dos mais altos encômios. Mas não demorou a inscrição, nesse prélio, de outras Universidades, a do Ceará, a do Recife, e a do Pará. A lista das edições pernambucanas talvez seja, no momento, a mais ampla e aparece frequentemente com edições e reedições, que de outro modo nunca viriam a lume, dada a ausência de editores na região. Poder-se-ia imaginar editores, nos Estados, para uma mesa-redonda em torno da interpretação dos eletrocardiogramas? Ou para estudos de física ou de matemática superior? Ou para uma história ampla do jornalismo local, como a que Luis do Nascimento vem realizando e que já está em quatro volumes?

Já não falo nos livros de Gilberto Freyre, que poderiam encontrar editores fora de Pernambuco, como de fato encontraram. Mas há que reconhecer que em torno da Universidade do Recife surgem valores, que até fazem pensar numa ressurreição da Escola do Recife. Cito, para exemplo, os nomes de Luís Delgado, Mauro Mota, Nilo Pereira, Gilberto Osório, Valdemar de Oliveira, Valdemar Valente, Gláucio Veiga, Costa Porto, Luís Marinho, Jordão Emerenciano, César Leal, Nelson Saldanha, Laurênio Lima, Hermilo Borba Filho, Rui Belo, Torquato Castro, Geraldo Lapenda, Manuel Correia de Andrade, Mário Borges, Lucilo Varejão Filho, Maria do Carmo Tavares, Luis de Oliveira, e estou certo de que estou esquecendo outros escritores, como meu prezado amigo Mário Lacerda. Sem falar na difusão de ensaios inéditos do notável Olívio Montenegro e nas homenagens prestadas a Carlos Pena Filho, um dos maiores poetas de seu tempo, em todo o Brasil. Sem falar também nas edições a cargo do Instituto de Ciências do Homem, que J. A. Gonsalves de Melo superintende. O Reitor João Alfredo começou o trabalho, a que o Reitor Murilo Guimarães vem dando notável desenvolvimento, a inscrever-se entre os melhores títulos da benemerência da Universidade do Recife.

Quando à Universidade do Pará, o esforço começou ao tempo da Reitoria do professor José Silveira, com a excelente História do Pará, de Estevão Cruz. Mas o Reitor Aluísio da Costa Chaves reedita agora outra obra importante da historiografia paraense, os famosos e raríssimos *Motins Políticos* de Domingos Antônio Raiol. A coleção em que ele se inscreve está a cargo de Artur César Ferreira Reis. Compreende-se, assim, o acerto de suas preferências, endossadas e prestigiadas pela decisão do Reitor. *Motins Políticos* é uma obra clássica, essencial, sobretudo, a quem procura conhecer as raízes econômicas e sociais das insurreições brasileiras. Correia Pinto, na orla do volume, assinala a importância e a significação dos três volumes publicados, indispensáveis à compreensão da história do movimento cabano em todo o Brasil e que ocuparam uma vasta extensão do território brasileiro, do Pará a Alagoas e à Bahia, numa fase como a da Regência, em que os impulsos coletivos afloraram, com uma energia e aspereza, que nos põem em face de outro Brasil. Um outro Brasil vigoroso e surpreendente, revelando-se no fragor de uma verdadeira explosão, com os seus agravos e os seus instintos insopitáveis.

Assinale-se, pois, o mérito dessa iniciativa, enquadrada no movimento editorial brasileiro, e com que tanto se dignificam as Universidades de todo o Brasil, na atividade com que vêm servindo à cultura brasileira.

A Secretaria Geral da Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco sofreu reformas em sua estrutura, visando a uma melhor distribuição dos trabalhos, de modo a se obter maior produtividade. Tal reforma está contida em ordens de serviço baixadas pelo Secretário Geral, George Browne do Rêgo. Essas ordens, num total de sete, estão datadas de dezoito de junho do ano em curso.

Essencialmente, a reforma consiste na criação de setores correspondendo às múltiplas funções da Secretaria Geral. Foram, assim, criados: 1) Setor do Conselho Universitário; 2) Setor do Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa; 3) Setor do Conselho de Curadores e Câmara de Assuntos Financeiros; 4) Setor dos Regimes Especiais de Trabalho do Pessoal Docente; 5) Setor de Informações e Controle de Processos; 6) Setor de Boletim Oficial.

Foi criado, também, junto à Secretaria, um serviço de Assessoria, para o qual foi designado o servidor José Luiz Marques Delgado.

O pessoal administrativo lotado na Secretaria Geral foi redistribuído entre os diversos setores por portaria interna baixada pelo Secretário George Browne.

### JORNAL UNIVERSITÁRIO

Órgão Informativo da Universidade Federal de Pernambuco

Diretor:

**Prof. Ariano Suassuna**

Secretário

**Prof. César Leal**

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural

Redação: Rua Gervásio Pires, 674, 1.º andar

Telefone: 22486

Preço do exemplar: **NC\$ 0,10**

# Memória de Rui Neves Baptista Foi Homenageada Solenemente

Em solenidade realizada na Sociedade de Medicina de Pernambuco, foi prestada homenagem póstuma ao professor Rui Neves Baptista, por médicos e professores do nosso Estado, através da Sociedade de Medicina e Sociedade Pernambucana de Reabilitação da Criança Defeituosa, em reconhecimento aos inestimáveis serviços prestados por aquele mestre, à causa da medicina e à docência superior.

O professor Rui Neves Baptista foi titular de Clínica Ortopédica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal e fundador do Curso Superior de Reabilitação. Desenvolveu várias campanhas médico-sanitárias no Estado, destacando-se o trabalho de combate ao surto de poliomielite ocorrido em Caruaru, cidade interiorana.

## HOMENAGEM

Por isso, e mais outras realizações marcantes no campo da Medicina, mereceu, à memória do Professor Rui, essa significativa homenagem dos seus colegas militantes da mesma profissão de mestre e cirurgião. A solenidade contou com a presença de dezenas de autoridades, amigos, familiares do extinto. Na oportunidade, o médico-veera-

"O homem é o resultado do encontro de duas células que em maravilhosos e misteriosos bailados, tomam posições, realizam alinhamentos, promovem acomodações que resultam no aparecimento do majestoso edifício. Obra prima da divindade, feito para o bem e para o amor, dotado do arbitrio, quando se envaidece, de quando em vez esboroa-se nos rochedos da ousadia. O homem, rei da criação, soma de potencialidades dirigidas, aglomerado de células com memória fisiológica definida. O homem, estratificação de experiências, animal com poder de opção, gerador de energia de coesão, fantástica revelação do poder de Deus, integra um sistema de forças como a resultante magnífica no impeto da composição. O homem somatório de valores, na sua incógnita ansia de domínio, frequentes vezes rebela-se contra os seus limites, compulsivamente, assistindo à fragmentação dos seus ideais. O homem, surpreendente acumulador de heranças, xerox de condutas ingênuas, vector de mensagens, que identificam gerações ou proporcionam às mesmas condições de progresso, a partir de experiências anteriores. O homem inventor de maravilhas que impressionam o mundo; o descobridor de riquezas, o arauto a difundir achados para beneficiar a humanidade. O homem modificador da natureza, dominador das áreas estereis, com a sua sabedoria desvia cursos de rios, angústia passagens, faz surgir potenciais energéticos, verdadeiras ressurreições regionais, contém os ímpetus ameaçadores da natureza, subordina mananciais, perfura montes, transpõe charcos, ergue pontes majestosas, constrói estradas, artérias que vitalizam regiões inóspitas; o homem explorador selênico; o homem que nos laboratórios surpreende microorganismos, mobiliza arsenais medicamentosos para enfrentar as avalanches do mal. O homem esplêndida criação de Deus, manifesta, a cada instante o ilimitado poder do Criador através dos progressos da Ciência, das Artes e da Técnica. Aristóteles, Platão, S. Tomaz de Aquino, Pasteur, Koch, Hansen, Miguel Angelo, Rafael, Mendelsohn, Chopin, Bach, Santos Dumont, toda uma plêiade de meritisimos representantes da raça humana são eloquentes testemunhos de afirmação da inteligência.

É de um homem que, no pleno gôso do seu poder criador foi subtraído do nosso convívio, que nos ocuparemos a partir deste instante, fazendo desfiar diante da expectativa dos curiosos, dos que não tiveram a ventura de privar de sua amizade, de auferir as vantagens da exteriorização de uma franqueza agressiva que lhe adereçava a personalidade, de sentir o imenso poder da lealdade, de assistir às explosões de um temperamento vulcânico de cujas erupções libertavam-se lavas fulgurantes que não crestavam apenas des congestionavam. Era o incontinido, o compulsivo, o incapaz de refrear, mas que cedia aos argumentos sensatos, aos recursos suasórios, com a brandura de um servo. Até quando falava dos inimigos ele combatia com violência as idéias, mas respeitava o contexto humano.

Refletia nos seus julgamentos a veemência de quem não aceita vínculos desde que o fato julgado não estivesse em perfeita consonância com o equilíbrio, não ferisse os seus princípios filosóficos.

## RUY O MENINO DO CLÁ DOS BAPTISTA

Aos 8 dias do mês de Outubro dos idos de 1912, na casa nº 32, da Rua do Sossêgo, nascia uma criança do sexo masculino filha do Dr. Afonso Neves Baptista, Advogado militante no fóro da cidade do Recife e D. Maria do Carmo Neves Baptista, de prendas domésticas. Do avô, nascido em Pernambuco o sr. Vulpiano do Rêgo Baptista provem a descendência Baptista e da Avó D. Joana Leopoldina Neves (tronco advindo da Paraíba) tomou o Neves. Assim passou a compor a população do Recife o menino Ruy Neves Baptista.

Infância marcada pela doença que o levava a sucessivas intervenções no membro pélvico (esquerdo), ele fóra advertido pelo seu pai de que a profissão médica e, dentro dela a cirurgia, deveria merecer a preferência do menino que tantas vezes marcara encontro com a Sala de Operações, com cirurgias da época. A idéia foi inseminada e cultivada cuidadosamente no espírito do menino Ruy. As frequentes intervenções culminaram com a imposição de uma marcha claudicante que, antes de estigmatizá-lo, funcionaria como catalizador positivo para estruturar uma tendência, forjar uma vocação. O menino Ruy fez o seu curso primário nos Colégios do Prof. Cândido Duarte e Nóbrega. Prosseguiu os seus estudos preparatórios no Liceu Pernambucano, do inesquecível mestre Prof. Pedro Augusto e os concluiu no Ginásio Pernambucano.

dor Manoel Gilberto anunciou que apresentaria um projeto na Câmara Municipal do Recife, denominando uma das ruas situadas no bairro do Espinheiro, de rua "Prof. Rui Neves Baptista" como reconhecimento do povo recifense pela obra realizada por aquele cientista.

Ao fim da solenidade, que contou com a presença, dentre outros, do pró-reitor para assuntos de Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, professor Marcionilo Lins, do diretor da Faculdade de Direito, professor Mário Neves Baptista, irmão do homenageado, cirurgião Antônio Figueira, usou da palavra o sr. Silvio Neto Batista, filho do homenageado, tendo agradecido, em breves palavras, as homenagens tributadas à memória do seu genitor.

## O ORADOR

O orador oficial foi o professor Bianor da Hora, das Faculdades de Medicina e Farmácia, que, em nome dos seus colegas e das sociedades mencionadas, pronunciou discurso enaltecendo a obra do professor Rui Neves, inclusive fazendo uma análise retrospectiva da sua vida. A íntegra do discurso, é esta:

## RUY O ESTUDANTE SUPERIOR

Terminado o curso Secundário o jovem não se postara em nenhuma encruzilhada. Tinha idéias amadurecidas pelo aconselhamento paterno e levava no corpo uma viva motivação.

A Faculdade de Medicina é a escola Superior escolhida onde haveria de lastrear a sua cultura médica para tornar-se o profissional consciente e brioso. Quando acadêmico, revelando acendrado senso de responsabilidade, irrompe na área da pesquisa e recebe como consagração ao seu mérito de investigador científico, o prêmio Medalha de Ouro, oferta da Chimica Bayer. Era o triunfo, justa revelação do poderio da inteligência de um jovem que nasceu para perseguir as metas altaneiras, através dos íngremes caminhos que levam à glória.

## RUY O MÉDICO ESPECIALISTA EM CIRURGIA E ORTOPEDIA

Sem sentir as fadigas dos extenuados, sem exibir qualquer sinal denunciador do desânimo após uma difícil peregrinação, Ruy deixa a Faculdade de Medicina do Recife onde se sagrou médico. Agora os portões da Escola abrem-se para devolver à Sociedade o Dr. Ruy Neves Baptista. Durante a sua vida acadêmica sempre acompanhou com admiração e respeito o serviço do Prof. Barros Lima, cujos cursos frequentava assiduamente. Finalmente o Dr. Ruy Neves Baptista, dedica-se ao exercício da Clínica Cirúrgica e logo depois à Ortopedia. Eram as raízes que, fincadas no solo fértil de uma decisão motivada, erguiam-se, para transformar-se na árvore fecunda cujos frutos não tardariam a sazonar sob o calor do entusiasmo profissional, alimentada pela seiva vivificadora da coerência, da fidelidade a princípios adotados pela obediência filial. Ruy cirurgião e ortopedista era a materialização de um desejo era a efetivação de uma mensagem irradiada de um pai sensível, de uma experiência inusitada.

## RUY CIRURGIÃO DO P. S.

Durante a sua vida profissional nunca acreditou no acesso fácil às posições vantajosas. Pretendia um local de trabalho onde pudesse expandir os seus conhecimentos de cirurgião até que veio a grande oportunidade: concurso para cirurgião do Pronto Socorro.

Novas lutas, novos triunfos. Ruy após renhida competição fóra aprovado e nomeado para exercer as funções que tanto almejava. Os horizontes ampliavam-se, as perspectivas ganhavam nitidez diante dos olhos sempre ávidos do menino da R. do Sossêgo.

Agora era membro da equipe que em penosa vigília espreitava as incursões sádicas do destino sobre os habitantes da cidade encantadora.

Foi lá que comecei a privar do convívio de Ruy Baptista. Certa vez num dos plantões do mestre austero, do amigo leal, chegara do interior um paciente portador de uma lesão cardíaca, por arma branca.

Incendia-se o plantão diante da expectativa. Pela primeira vez no Pronto Socorro chegava um caso de tamanha gravidade.

Célere o homem é conduzido à Sala de Operação e Ruy abre-lhe o peito. O pericárdio estava aberto e a ferida fóra ampliada para melhor e mais consciente exploração. Logo após surgira diante dos nossos olhos o episódio emocionante. Um coágulo tamponava o ferimento ventricular.

Retirado o mesmo o sangue em jorros que pareciam incontidos ameaçava de morte. Sobre a ferida os dedos do auxiliar Dr. Bueno José Vieira de Melo, impediam o fluxo. Ruy sereno e calmo transfigurava-se em gigante, com a rapidez de uma centelha ele prepara o ponto e sutura o coração; outros foram dados e a hemorragia debelada. Instala-se sangue e a ressurreição opera-se. Outro triunfo de Ruy Baptista, outra vitória da ciência.

## RUY O PESQUISADOR E PROFESSOR DE ANATOMIA

O anfiteatro, a investigação científica, sempre exerceram no espírito do nosso homenageado atrações infreáveis. Enamorado da forma procurada, nas labirínticas tessituras do corpo humano, devassar mistérios, inquirir guiado pelo escalpelo e acionado pela ansia de identificar para revelar, as complicadas estruturas responsáveis pelas maravilhas das funções.

Fôra, sem sombra de dúvida, um caçador de emoções. Armado pela curiosidade cumpriu acidentado itinerário culminando em Dezembro de 1941 pela conquista de Livre Docência de Anatomia defendendo tese sobre o gânglio ciliar. Daí por diante não mais deixou de ministrar cursos equiparados, até que em 1947, parou, a fim de iniciar a sua preparação para voo

mais arrojado. Queria agora alcançar-se até a dignidade da Cátedra. Infatigável na perseguição de ideal, cada obstáculo era um multiplicador de energia e as barreiras desfaziam-se como miragens diante dos seus olhos decididos.

Transcorria o ano de 1950 e no dia 26 de Abril o menino da Rua do Sossêgo, atingia impávido as culminâncias de sua carreira profissional, conquistando brilhantemente a Cátedra de Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopédica da Faculdade de Medicina do Recife.

Era o homem totalizando-se, era o impulso alcançando a meta, era a silhueta da sofreguidão transformando-se em fidelíssima revelação do poder da vontade.

## RUY O JUIZ INCORRUTÍVEL

É realmente impressionante a soma dos episódios que constitui o drama genético. O menino Ruy, o Dr. Ruy Baptista, o Prof. Ruy Neves Baptista não poderia escapar ao determinismo biológico. Apesar de médico, herdara do seu genitor, a acuidade no raciocínio, a clareza nos silogismos, a lúcida análise para compor as decisões, a argúcia na busca dos comemorativos reveladores do racional, os mergulhos para promover a flutuação das verdades, o equilíbrio nas averiguações para a prática da Justiça.

Tais características estruturavam nêlo o juiz frequentemente solicitado para integrar Bancas Examinadoras, para compor comissões de inquéritos, para redigir memoriais onde, a exposição de motivos, era elemento indispensável para levar à conquista de uma reinvidicação. Ruy tinha ímpetus de jurista desapaixonado, tinha julgamentos que o expunham aos olhos públicos, como o incorrutível, o que não se bandeava, o que sabia valorizar o fato ou a coisa julgada, sem se deixar envolver pelas influências maléficas como os pusilânimes, fóra o implacável sereno, o justo sem remorsos.

## RUY O ESCRITOR

Fôra indiscutivelmente polimórfica a cultura do nosso homenageado. Integrante, várias vezes no Estado e no país de Bancas Examinadoras para Cursos de Docentes e de Catedráticos, sentiu, nas suas arguições, que eram sempre inteligentes e terríveis, que a elaboração do trabalho científico, necessitava de obedecer a padrões definidos. Porisso fez uma análise de significativa profundidade e escreveu uma monografia, sobre as características dos diversos trabalhos científicos, desde a nota prévia, até o Tratado, revelando apreciável acervo de conhecimentos das normas que deveriam atender os escritos científicos. Redigiu um Dicionário de termos anatómicos, verdadeira preciosidade, pela paciência e carinho como fóra montado. Lamentamos seriamente não houvessem sido as referidas produções do cérebro privilegiado de Ruy Baptista divulgadas, para benefício de quantos mourejam em tão complexa seara.

## RUY O CHEFE DE FAMÍLIA

Chegámos ao ponto alto do nosso itinerário. Estamos entrando na intimidade do nosso homenageado. A porta da sua residência escancara-se para que possamos conhecer a família do Prof. Ruy Neves Baptista. A sua esposa, os seus filhos, os seus genros, as suas noras, os seus netinhos. Se durante todo o enfoque que fizemos da personalidade de Ruy Baptista ele nos pareceu grande agora ele se enormenta. Espôso amoroso, as suas grandes decisões refletiam sempre uma média, entre o seu ponto de vista e a opinião de sua amantíssima consorte. Reconhecia nela sua supervisora vigilante, uma amiga insubstituível diante da qual realizava as suas grandes confissões e de junto de quem saía levando consigo uma sábia deliberação. Frente aos filhos, pedaços de sua alma, sempre fóra o pai generoso, o amigo dedicado, disposto ao sacrifício até para assegurar a estabilidade emocional dos mesmos. As vitórias dêles eram os seus triunfos. Vibrava com frenesi quando divulgava a progressão de cada um dêles nas áreas de atuação em que porfiavam. A paz e a cordialidade dentro do seu lar, eram lumes que não consentia que se apagassem. Formou dois filhos, um em Direito e outro em Medicina e deixou os outros bem encaminhados. Cumpriu com decência e exaltado entusiasmo a sua tarefa de espôso e de pai. Foi também excelente filho. Da sra. sua mãe recebeu as lições de ternura, de prudência, de compreensão, de paciência; do seu ilustre pai os conselhos sábios, o cavalheirismo, a honestidade, a seriedade no cumprimento do dever. Ruy Baptista, onde quer que você esteja receba dos seus colegas, dos seus amigos, de todos que aqui se encontram reunidos a mais sentida homenagem e uma ardente prece de paz, para sua alma.

# Faculdade de Medicina Festejou 50 Anos



Ampla programação sócio-cultural marcou as comemorações do Cinquentenário da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, culminando com a sessão magna realizada à noite do dia 4 de maio, da Congregação da Faculdade, com a presença de altas autoridades convidadas, mestres e alunos. Foi presidida pelo reitor Murilo Guimarães.

Conforme a programação elaborada pela comissão incumbida dessa tarefa, os festejos foram iniciados com a missa gratulatória, na própria Faculdade, oficiada por monsenhor Francisco Sales. Após o ato religioso, houve a deposição de flôres nas hermes dos professores Otávio de Freitas e José Correia Picanço, este, fundador do ensino médico no Brasil.

## ROMARIA

Em seguida, houve romaria ao monumento do professor Joaquim Amazonas, primeiro reitor da Universidade Federal de Pernambuco, na Cidade Universitária, obra idealizada por aquela autoridade. Em todos os atos, registrou-se grande número de professores, alunos, dirigentes educacionais, autoridades di-

versas. Ao meio dia, ofereceu-se um churrasco de confraternização.

A noite, com o salão nobre inteiramente tomado pelo grande número de pessoas, a Congregação da Faculdade de Medicina esteve reunida, para atingir o ponto culminante da celebração dos 50 anos de fundação daquela casa de ensino médico. Em nome dos professores, discursou o médico Romero Marques, cabendo ao professor Leduar de Assis Rocha, fazer, naquela oportunidade, uma espécie de retrospecto da vida da Faculdade, tarefa cumprida por aquele mestre, com galhardia.

O diretor da Faculdade, professor Hélio Mendonça, entregou medalhas comemorativas da efeméride, nas duas categorias, ouro e prata, a diversas autoridades

presentes à reunião. Durante o encerramento, ouviu-se a palavra do diretor, seguindo-se a do reitor Murilo Guimarães, o qual fez, em poucos minutos, um ligeiro retrospecto da história da Faculdade de Medicina da UFPe., aduzindo aos feitos mais importantes da atual e das diretorias passadas.

Mas, as comemorações não terminaram aí. A comissão encarregada, foi composta pelos professores Romero Marques, Artur Coutinho, Antônio Figueira, Amaury Coutinho, Leduar de Assis Rocha e Salomão Kelner. A programação foi calculada de modo a desenrolar-se até o fim deste ano.

Uma banda de música da Polícia Militar abrihantou os festejos, dando uma tônica mais alegre ao ambiente.

## Brasil Exibiu Melhor Futebol do Mundo

### O MUNDIAL DEIXOU UMA LIÇÃO

Sem nenhum exagêgo teatralista, simplesmente fotografando o que se patenteou à constatação mais superficial, poucas vezes, nos derradeiros anos, se registrou maior vibração e mais intenso entusiasmo popular do que naquele domingo glorioso em que, vencendo a última etapa, a seleção CANARINHA conquistou, de modo brilhante, a taça Jules Rimet, sagrando-se, pela terceira vez, campeã mundial de futebol. Não terá havido, em todos os recantos do País, uma nota de indiferença, de alheamento, de "neutralidade" diante do espetáculo: do chefe da Nação ao mais humilde brasileiro, das capitais aos rincões mais distantes, todos, ouvidos colados aos transmissores, olhos presos à imagem da televisão, uníssonos e formando uma só alma, padeceram, penaram e, afinal, acabaram dominados de frenesi contagiante, acompanhando os lances em que, um a um, a Canarinha foi vencendo os obstáculos. A guerra de nervos de certas equipes, o cinismo criminoso de alguns árbitros, foram carreiras ultrapassadas. O Brasil teve, porém, como uma de poucas razões de conforto e acolhimento fidalgo e cheio de ternura da fabulosa gente de Guadalajara, cujo carinho nunca o nosso país esquecerá, na gratidão eterna aos que nos deram tanto, sem que nada lhes houvessemos oferecido, dantes, em paga.

Caberia, porém, pondo de

margem o que há de emotivo nesta luta e nesta vitória — tanto mais querida quanto, na verdade, poucos confiavam na equipe que Zagalo recebeu quase a modos de "salvados de incêndio" — haveria outros ângulos que talvez merecessem atenção um pouco mais meditada, na medida em que seu enfoque encerra embasamento para conclusões mais permanentes e duradouras.

E um ponto entre muitos valeria por em relevo: este entusiasmo diante do feito da Canarinha traz-nos a confortadora reflexão de que existe, já de alto a baixo, em todas as camadas, manancial muito rico a explorar e cujo aproveitamento pode ser decisivo no encaminhamento e solução dos nossos problemas.

Por que o povo vibrou tanto, penou tanto, e tanto acabou presa de tamanho entusiasmo? Simplesmente porque o futebol, em si mesmo, traz no bôjo a tônica do ardor irradiante, porque é o desporto que mais empolga os brasileiros. Sem dúvida isto influiu.

Mas restaria explicar, então, porque não se registrou o mesmo calor naquelas partidas em que a Canarinha estava ausente, quase ninguém ligando para encontros que envolveram jogadores de outros países — Marrocos, Israel, El Salvador, México, etc.

A razão era outra: vibrava-se e havia suspense, porque estava em jogo o Brasil.

Então, outra inferência se

impõe: há, por esta vastidão do continente, uma idéia, embora ainda um pouco difusa, de "pátria". O brasileiro sente que, em meio a tudo quanto passa e não justifica sacrifícios e amarguras, há a Nação, há um legado transmitido de geração a geração, e que esta Pátria nos merece tudo, ainda tem vigor e força para suscitar dedicações quase fanáticas, fazendo a alma nacional palpitar coesa, irmanada pelos mesmos ideais de unidade, em favor do Brasil Maior.

Na rotina de nossa existência usual, cada qual tem suas predileções, todos se deixam empolgar pela tônica do clubismo, pelas notas do regional; mas na hora em que a Canarinha pisava os gramados mexicanos, sentia-se que se esfumavam as cores individualizantes, ninguém se preocupou em saber se este pebolista pertencia ao Vasco, ao Flamengo, ao Santos, ao Grêmio, ao Cruzeiro, se era paulista, mineiro, gaúcho, ou carioca, bastando, para suscitar entusiasmos exaltados fôsse brasileiro, estivesse a serviço do Brasil.

Se nem tudo é Copa, tudo, afinal, acabara sofrendo a pressão das mesmas forças interiores que nos guiarão nas lutas do campeonato mundial.

E é isto que deve ser explorado: o civismo, o sacrifício pela Pátria, a idéia final de que tudo pode passar, mas é imperioso que o Brasil vença.

A conquista do tri-campeonato mundial de futebol, pelo Brasil, trazendo para cá, definitivamente, a Taça Jules Rimet, foi o maior acontecimento futebolístico de todos os tempos. Não somente os brasileiros, mas também outros países, notadamente os que participaram da competição, acompanharam com grande interesse esse campeonato.

A trajetória do nosso selecionado foi algo mais que notável, desde as eliminatórias, passando para trazer todos os seus adversários, com bastante categoria e tranquilidade. O favoritismo que existia em torno dos brasileiros, antes da decisão final com os italianos, não era um favoritismo falso, criado, pelo contrário: tinha base naquilo que a seleção canarinha vinha apresentando de uma partida para outra.

## PATRIOTISMO

Essa extraordinária conquista foi mais que um acontecimento futebolístico: marcou uma página gloriosa em nossa história, entrelaçada de euforismo, contentamento e o que é mais importante, de patriotismo. Nunca, mas nunca mesmo se registrou tamanha participação do povo brasileiro num acontecimento. Em todos os recantos do nosso território se vislumbrava um panorama pintado pelo verde e amarelo do nosso Pavilhão Nacional, desde as fachadas dos prédios, residências aos pára-brisas dos automóveis.

Delírio, choro, abraços, gritos e até mortes. Esse foi o panorama que se verificou em todos os recantos do nosso território, antes e depois que o árbitro Rudi Gloeckener, da Ale-

manha Oriental, deu o apito final encerrando Brasil 4 e Itália 1. Também, o Estádio Azteca, com aproximadamente 140.000 espectadores, vibrou com a nossa vitória, aplaudindo freneticamente os melhores de todo o futebol mundial. Aqui, houve carnaval nos clubes e nas ruas.

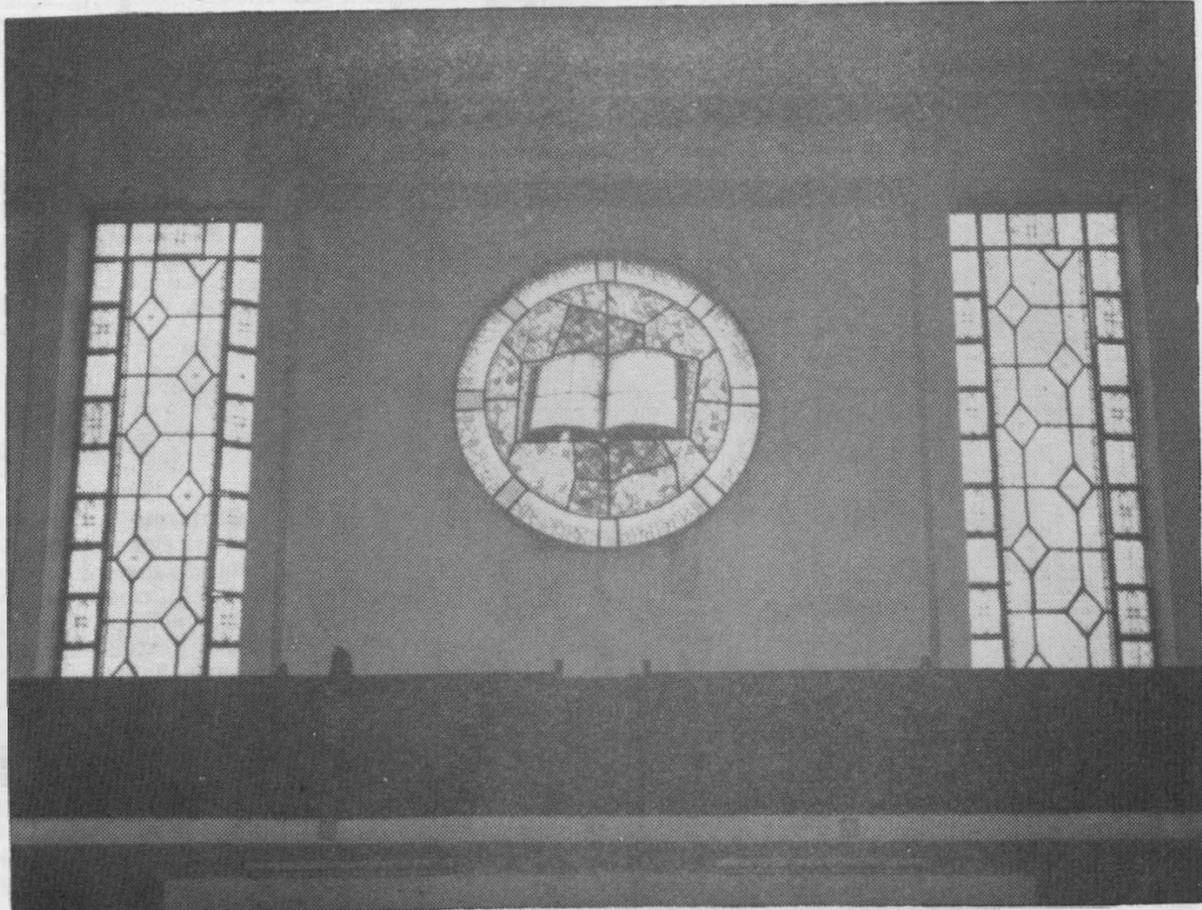
O Brasil tem uma dívida de gratidão para com os mexicanos. Somos reconhecidos pela acolhida que tivemos. Jamais esqueceremos tudo isso.

## FERIADO

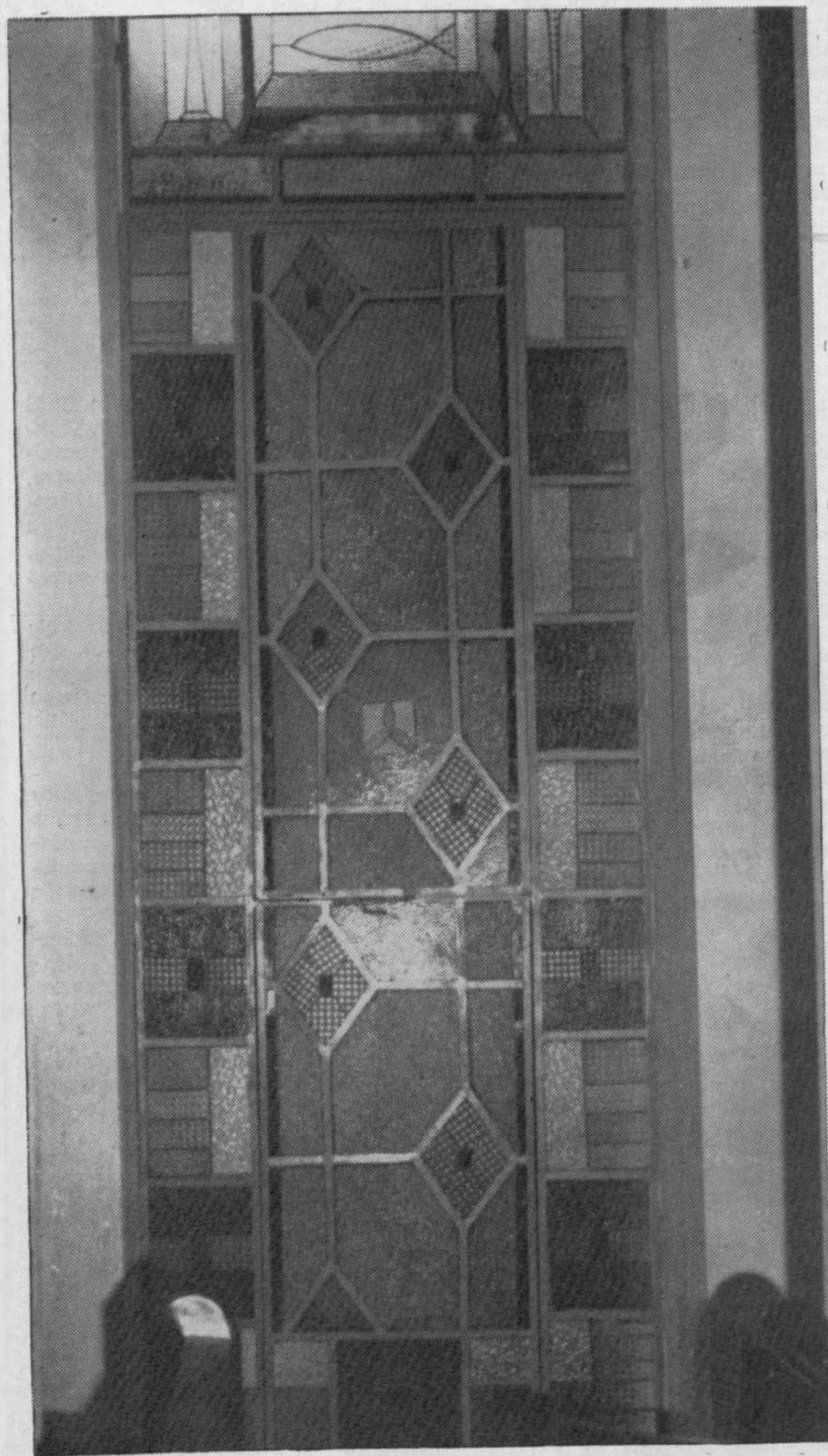
Dois feriados foram decretados pelo presidente da República, para que todos os brasileiros participassem das comemorações da conquista do tri e recebessem festivamente a nossa delegação, na terça-feira, 23 de junho. No Palácio presidencial o primeiro mandatário da Nação recepcionou os nossos craques oferecendo-lhe um banquete. Aliás, o presidente Garrastazu Medici, acompanhou, através das transmissões via EMBRATEL, os jogos da Canarinha, vibrando como os demais brasileiros.

Desde os treinamentos à partida final, as transmissões via EMBRATEL proporcionaram a todos os brasileiros uma imagem perfeita da trajetória da nossa seleção. Aliás, as transmissões feitas pela EMBRATEL tiveram papel importante no contexto geral do comportamento e da participação do nosso povo. Até as pessoas completamente leigas em matéria de futebol vibraram com a imagem que chegou às suas residências.

# Vitrais Voltam Como Motivo De Decoração No Nordeste



Vitral realizado pela escultora Aurora de Lima, da Escola de Artes da UFPe.



Os vitrais de autoria da escultora Aurora de Lima

A escultora Aurora de Lima, da equipe da Escola de Artes da Universidade Federal de Pernambuco, é a criadora da primeira oficina de Vitrais da Escola e o trabalho que vem realizando é, realmente, digno de registro.

A arte dos vitrais, como se sabe, é antiquíssima. Bastante usada antigamente, caiu depois, no esquecimento, ficando quase que só reservada às igrejas.

Agora, retorna a moda dos vitrais, para a decoração indistinta, tanto de prédios públicos como de

residências particulares ou de templos.

Vale ressaltar que a Oficina de Vitrais da Escola de Artes é a única, no seu gênero, para todo o Norte e Nordeste brasileiros. Os trabalhos que têm sido executados na escola de Artes, são perfeitos e a oficina vem executando encomendas, não apenas de nosso Estado, como de outras partes da Região.

Aqui, no Recife, eles podem ser admirados no Bandepe, na igreja presbiteriana do Cais José Mariano, entre outros.

## UFMG Promove o III Salão Nacional de Arte Para Comemorar Aniversário

Dentro da programação aniversária dos 43 anos de fundação da Universidade Federal de Minas Gerais, destaca-se a realização do III Salão Nacional de Arte Universitária, no período de 25 de setembro a 10 de novembro do corrente ano. A iniciativa visa a estimular o estudo das artes plásticas nacionais, possibilitando um quadro comparativo das Escolas de todos os Estados do Brasil, além de promover o intercâmbio universitário, através das artes em geral.

O III Salão Nacional de Arte Universitária terá lugar no saguão da Reitoria, na Cidade Universitária, em Belo Horizonte. Os artistas podem inscrever-se independentemente de técnica ou categoria, com um máximo de três trabalhos, entendendo-se por trabalho uma peça ou um conjunto de peças nas quais se desenvolve uma proposta. Cada conjunto poderá compôr-se de, no máximo, três peças, e o total de peças inscritas não deve exceder a nove. Quando, porém, for necessário ao artista para a apresentação de sua proposta exibir maior número de peças, ele deve apresentar, juntando à ficha de inscrição, sua justificativa, que será submetido à consideração do júri.

### JULGAMENTO

O julgamento dos trabalhos será feito por um júri de cinco membros, escolhidos pelo Conselho de Extensão da UFMG, cabendo-lhe ainda atribuir prêmios constantes do presente regulamento. A participação no Salão será efetuada através de delegações de universidades ou Escolas de Artes isoladas, que selecionarão os trabalhos que devem ser entregues na Reitoria da UFMG, até o dia 11 de setembro vindouro.

As fichas de inscrição, devidamente preenchidas acompanharão os trabalhos inscritos. Poderão inscrever-se todos os alunos regularmente matriculados em suas respectivas escolas. Depois de enviados à Reitoria da UFMG, os trabalhos somente poderão ser retirados após o término do Salão. Os trabalhos de artistas residentes fora de Belo Horizonte deverão ser enviados com frete pago e serão devolvidos com frete a pagar. Os organizadores não se responsabilizam pelo desvio ou estrago das peças em trânsito, embora se responsabilizem pela integridade da obra em si, enquanto esta estiver em seu poder.

### PRÊMIOS

São os seguintes os prêmios atribuídos:

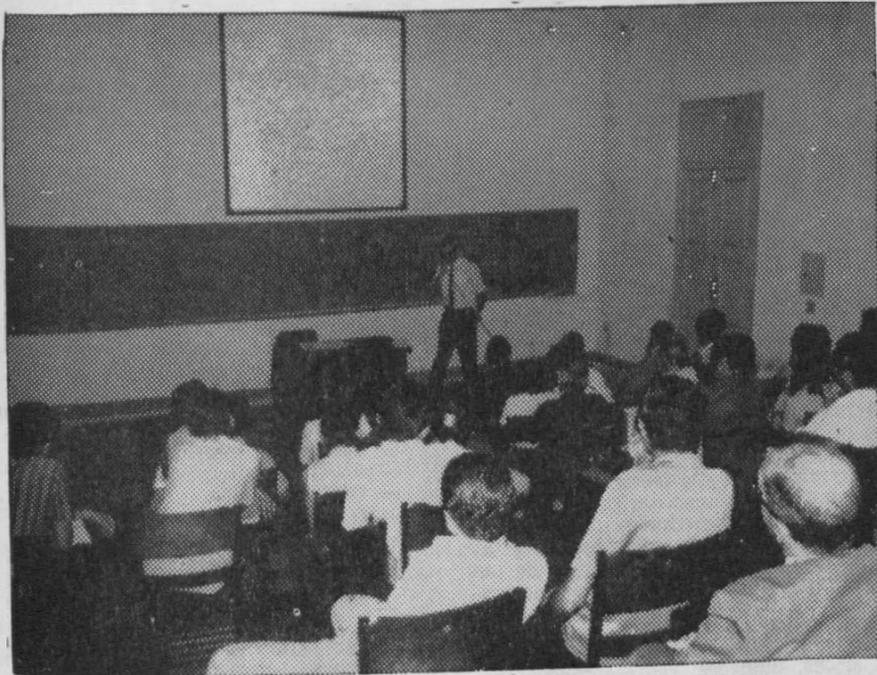
1º) Prêmio Bolsa de estudos na Itália, oferecido pela Embaixada da Itália, para 1971/72. A obra premiada ficará pertencendo à Galeria da UFMG.

2º) Prêmio no valor de Cr\$ 2.000,00; de 1.000,00; e de 500,00, respectivamente. E ainda quatro bolsas no IV Festival de Inverno de Ouro Preto — 1971.

Ao júri reserva-se o direito de conferir ou não os prêmios, que poderão ser acumulados ou divididos. A Reitoria só aceitará trabalhos executados depois de 1968. A cada expositor será concedido Diploma de Participação e aos premiados, além deste, o Diploma de Premiação.

Os casos omissos do presente regulamento serão resolvidos pelos promotores do Salão, cujas resoluções serão irrecorríveis. O participante deverá indicar na ficha de inscrição o preço dos trabalhos para fins de premiação e vendas.

# ESAUFPe. Cria Consultoria Para Formação Técnica de Alto Nível em Administração



Dos 780 alunos que fazem os cursos mantidos pela Escola Superior de Administração da Universidade Federal de Pernambuco, 60 concluintes receberão seus diplomas, em solenidade a realizar-se a 17 do próximo mês. São os novos técnicos em Administração Superior, tanto no setor público quanto no particular.

No momento, eles fazem os estágios obrigatórios nas repartições e nas empresas. Para que estes estágios sejam realmente proveitosos, a Escola fornece a eles orientação documentada de todos os setores que devem ser observados e registrado a fim de preparar sua tese de doutorado em Administração Superior.

#### Consultorias Técnicas

A partir de agosto, começarão a funcionar na Escola as Consultorias Técnicas de Administração, destinadas a oferecer serviços à comunidade nos setores público e privado, integrando a Escola de Administração às empresas e repartições governamentais.

Os professores na área específica de administração farão parte deste novo órgão da ESAUFPe.; a criação dessas Consultorias é de grande importância, por dois motivos prioritários: a) possibilitará o ensino prático aos alunos da última série nas mais modernas técnicas de Administração; e b) possibilitará à direção da Escola melhorar o salário dos seus professores, evitando sua evasão.

As Consultorias Técnicas funcionarão à base de convênios com as entidades que delas necessitarem e poderão oferecer orientação, diagnosticar e planejar, ou preparar documentação adequada ou normas especiais de administração.

#### Cursos de Administração do Nordeste

Em entrevista que o prof. Higinio

Barbosa Lima concedeu ao JORNAL UNIVERSITÁRIO, declarou que a Escola se prepara para os Cursos de Administração do Nordeste, cujo objetivo é o de promover o intercâmbio de idéias e experiências no campo do estudo da Administração e integração da pesquisa e do ensino, ao programa de desenvolvimento do Nordeste.

O professor José Osório Reis, diretor da Escola Superior de Administração da Universidade da Bahia, foi eleito presidente do Codeno (Cursos de Administração do Ne) de abril do corrente ano a abril de 1971.

O Codeno já preparou o anteprojeto do Centro de Estudos pós-graduados do Nordeste.

O Codeno estuda a implantação desta nova iniciativa: a criação e o funcionamento de Centros de Estudos pós-graduados de Administração Superior, funcionando no Nordeste.

Até o momento estes cursos ainda estão na dependência da Fundação Getúlio Vargas, na Guanabara, e de idênticas Escolas no Estado de São Paulo. Sabe-se do valor dessas Escolas e o muito que a elas devemos. Mas a pós-graduação de nordestinos nesses centros é bastante dispendiosa e, muitas vezes, chegamos mesmo a perder os nossos jovens, tentados por melhores salários nos grandes centros do País. "Urge, disse-nos o prof. Barbosa Lima, termos, nós mesmos os nossos Centros de Pós-graduação. Não é tarefa, porém, para uma só entidade, mas para várias Escolas, as Universidades e órgãos como a Sudene, a Sudam, entre outros. O Reitor Murilo Guimarães, a quem apresentei nosso anteprojeto, mostrou-se plenamente acolhedor, à idéia e contamos com todo o seu apoio".

## PESQUISAS DO I. DE ANTIBIÓTICOS INICIAM INDÚSTRIA DE MEDICAMENTO

Como resultado das pesquisas efetuadas pela equipe do Instituto de Antibióticos da Universidade Federal de Pernambuco, sob a direção do professor Osvaldo Gonçalves de Lima, está sendo iniciada a industrialização do produto anticancerígeno — LAPACHOL, pelo Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco — LAFEPE.

O Instituto de Antibióticos da UFPe. está ultimando os últimos trabalhos para a cessão dos antibióticos que serão produzidos em escala industrial pelo referido Laboratório. Sendo assim, Pernambuco se constitui no único produtor, em toda a América Latina, de "Actinomicina-D", antibiótico que entra na composição de outro anticancerígeno a ser fabricado pelo LAFEPE.

#### PARTICIPAÇÃO

Sobre a fabricação desses produtos o cientista Osvaldo Gonçalves de Lima, que dirigiu esses trabalhos, destaca o "decisivo apoio do governador Nilo Coelho, a ajuda do secretário Paulo Gustavo Cunha, de Indústria e Comércio, o incentivo do reitor Murilo Guimarães, a dedicação de minha equipe e a colaboração dos diretores do Laboratório do Estado", o que possibilitou a fabricação em escala comercial do "Lapachol".

Durante vários anos o professor Osvaldo Lima e sua equipe, composta dos pesquisadores Décio Andrade de Lira, Ivan Leôncio de Araújo, Mariza Machado de Albuquerque e Clécio Santana, efetuaram demorados estudos sobre antibióticos com ação antineoplásica, destacando-se a "Actinomicina-D" — usada há vários anos no tratamento de determinados tumores — e o "Lapachol", substância isolada do Ipê, com ação antitumoral reconhecida por pesquisadores norte-americanos.

Estes produtos, elaborados no Instituto de Antibióticos, foram distribuídos aos pesquisadores e médicos de todo Brasil, que obtiveram resultados positivos na sua aplicação.

#### AÇÃO ANTINEOPLÁSICA

O lapachol, substância existente em algumas espécies de "bignoniaceae" e estudada quimicamente por E. Paternó, em 1882 e por S. C. Hooker, em 1896, voltou a merecer atenção por seu comportamento antimicrobiano, através dos trabalhos realizados por

Gonçalves de Lima e colaboradores, desde 1956, no Instituto de Antibióticos, da UFPe. Estudos subsequentes conduzidos pelo eminente cientista e pelo professor Leôncio Albuquerque se ativeram à atividade biológica da série de derivados do lapachol, incluindo ação antineoplásica no carcinoma-sarcoma de Walker, 256.

Pesquisas efetuadas independentemente por J. Hartwell, nos Estados Unidos, em 1967 — comunicação pessoal — caracterizaram uma relevante atividade antineoplásica do lapachol no sarcoma de Yoshida — 36% de inibição — comprovada pelo grupo do Instituto de Antibióticos.

Paralelamente, os resultados obtidos por Lauro Lins e Clécio Santana, da equipe do professor Osvaldo Gonçalves de Lima, na fase de experiência clínica, confirmaram as observações verificadas em tumores experimentais com o lapachol.

#### APLICAÇÃO POSITIVA

Vinte pacientes portadores de neoplasias malignas em estados clínicos avançados e com os seguintes diagnósticos histopatológicos: adenocarcinoma da mama (7 casos), carcinoma epidermóide da mucosa bucal (5 casos), carcinoma broncogênico (1 caso), adenocarcinoma da próstata (3 casos), e adenocarcinoma do estômago (4 casos), após tratados com lapachol, apresentaram quadro clínico objetivo — redução tumoral e melhora do estado geral em 8 casos; respostas subjetivas — diminuição da dor e desa-

parecimento da astenia, em 18 casos. Nenhuma resposta em 1 caso apenas. A droga, por sua vez, apresentou uma baixa toxicidade verificando-se apenas em alguns pacientes anorexia, náuseas e, mais raramente, vômitos, controlados facilmente com antieméticos.

#### ISOLADA A "ACTINOMICINA-D"

No ano de 1962, de amostras de terra do Estado de Alagoas, foi isolada, pela equipe do Instituto de Antibióticos, uma cepa de "streptomyces sp", produtora de uma actinomicina, cujas propriedades químicas e biológicas se assemelham as do grupo "D" isoladas por Waksman e colaboradores.

Tal substância tem grande aceitação pelos cancerologistas brasileiros, principalmente de São Paulo, onde inúmeras vezes já foi empregada, com resultados satisfatórios.

As actinomicinas foram descobertas por Wasman, nos Estados Unidos, em 1940, sendo suas propriedades antineoplásicas descobertas pelo grupo dirigido por Brockman, na Alemanha, na Universidade de Goetingen, em 1953.

Daí para cá, afirmou o pesquisador Osvaldo Gonçalves de Lima, as actinomicinas vêm sendo estudadas em várias partes do mundo, sendo coroados os estudos e pesquisas da equipe do Instituto de Antibióticos da UFPe., com a produção pelo LAFEPE de medicamentos deste gênero, resultantes daqueles trabalhos.

# Moral e Cívica é Nova Disciplina Obrigatória no Ensino Superior

Pensando assim, e imbuídos dos melhores propósitos, é que as nossas autoridades houveram por bem instituir uma nova disciplina — Moral e Cívica — em caráter obrigatório, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino do nosso País. Assim é que as universidades brasileiras já estão se reestruturando de forma a iniciar o ensino dessa nova disciplina — que terá a denominação de “Estudos de Problemas Brasileiros, ao nível superior — já a partir do corrente ano. As escolas primárias e os cursos colegiais já estão ministrando-a.

## OBJETIVOS

A Educação Moral e Cívica visa a levar o educando a adquirir hábitos morais e cívicos, através da consciência de princípios e do desenvolvimento da vontade, para a prática constante dos atos decorrentes, fazendo-o feliz e útil à comunidade.

O Decreto-lei 869/69 estabelece a obrigatoriedade da Educação Moral e Cívica em todos os graus e ramos de escolarização, quer como disciplina, quer como prática educativa. Isso equivale à exigência de enunciação, pelo educador, e de conscientização, pelo aluno, dos princípios (disciplina) e da prática educativa consequente de atos morais e cívicos, na busca de condicionamentos sadios, que estabeleçam os hábitos desejados.

A consciência dos princípios, conjugada com o fortalecimento da vontade, leva a formação do caráter e este origina o comportamento do homem moral e, consequentemente, do homem cívico.

## GERAIS

Os objetivos gerais visam à formação ou aperfeiçoamento do caráter do brasileiro e ao seu preparo para o perfeito exercício da cidadania democrática, com o fortalecimento dos valores espirituais e morais da nacionalidade. E conduza, no seu conjunto, ao cumprimento da finalidade fixada pelo seu Regulamento:

a) — a preservação, o fortalecimento e a projeção dos valores espirituais e morais da nacionalidade;

b) — a defesa do princípio democrático, através da preservação do espírito religioso, da dignidade da pessoa humana e do amor à liberdade com responsabilidade, sob a inspiração de Deus;

c) — o aprimoramento do caráter, com apoio na moral, na dedicação a família e à comunidade;

d) — a formação no indivíduo de hábitos de conduta conformes à lei moral, através do fortalecimento da vontade;

e) — o fortalecimento da unidade nacional, e do sentimento de solidariedade humana com alicerces na fraternidade universal;

f) — o culto à Pátria, aos seus símbolos, tradições, instituições, e aos grandes vultos da sua história;

g) — a compreensão dos direitos e deveres dos brasileiros e o conhecimento da organização sócio-econômica do País, com vistas à participação no processo do seu desenvolvimento integral: espiritual, moral e material, do indivíduo e da sociedade;

h) — o culto da obediência à Lei, da fidelidade ao trabalho e da integração na comunidade;

i) — o fortalecimento do espírito democrático, de modo a preservá-lo de ideologias materialistas e contrárias às aspirações dos brasileiros e aos interesses nacionais;

j) — o preparo do cidadão, inclusive o da mulher, para o exercício das atividades cívicas, com fundamento no caráter, no patriotismo e na ação construtiva visando ao bem comum”.

## SUPERIOR

Conforme as prescrições sobre currículos e programas básicos aprovadas pela Comissão Nacional de Moral e Civismo, no âmbito das universidades tal disciplina será instituída dessa forma e com essas perspectivas, como estabelece o próprio texto abaixo:

*Os atuais dirigentes do nosso País, dentro de uma visão lata e dignificante, vêm se preocupando não somente com o progresso material, mas também com o aperfeiçoamento moral e com os valores cívicos de cada um de nós! Aliás, atingir as grandes conquistas tecnológicas e científicas sem atentar-se para a importância desses valores subjetivos da pessoa humana, representaria uma atitude irracional contrária à compreensão ética da sociabilidade humana.*

## “PROGRAMA BÁSICO DO ENSINO SUPERIOR

(Cursos de graduação, pós-graduação e especialização)

### ESTUDO DE PROBLEMAS BRASILEIROS

#### 1. Objetivos específicos:

— aprimorar o caráter e aprofundar conhecimentos com vista à formação completa do homem moral e do cidadão, levando-o ao amor a Deus, ao próximo e à Pátria, assim como à ação decorrente;

— analisar as características dos fatores básicos da realidade brasileira — o homem, a terra e as instituições, de modo a que sejam bem compreendidos os problemas nacionais e, sempre que possível, estudadas as soluções convenientes;

— estudar os principais aspectos da conjuntura nacional, buscando-lhes o inter-relacionamento;

— integrar análises e precisar conceitos sobre as características do homem e da sociedade brasileira, com base na compreensão correta da pessoa humana;

— atualizar conhecimentos e métodos visando à ação em favor do desenvolvimento integral — espiritual, moral, material e social da Nação —, globalmente e em suas diferentes áreas;

— desenvolver o espírito de pesquisa do ponto de vista filosófico, sobre os valores e os comportamentos humanos, em perspectiva religiosa (aconfessional), ética e humanística; e, em nível de análise científica, sobre os principais problemas brasileiros, visando a obter, sempre que possível, soluções realistas;

— incentivar a participação esclarecida no contexto sócio-político nacional e mundial.

#### 2. Meios para a consecução dos objetivos visados

##### 2.1 — CONSIDERAÇÕES GERAIS

O aprimoramento do caráter, pela compreensão da necessidade de vivência dos valores espirituais e morais, para o bom uso da liberdade e para a felicidade individual, bem como o completamento da formação cívica, para o exercício consciente da cidadania, continuam a ser o objetivo geral visado.

O conhecimento da conjuntura brasileira, sem deixar de situá-la no quadro mundial, com a busca de soluções adequadas aos seus problemas, facultará a líderes em final de formação participar ultimamente do esforço para o desenvolvimento integral do Brasil, em todos os campos de atividade.

Em particular, a compreensão da Democracia como filosofia de vida, de bases espiritualistas, e como regime político levará o cidadão a amá-la, desejá-la e buscar-lhe o aperfeiçoamento, com a formação de circunstâncias para o bom uso individual e coletivo da liberdade que lhe é inerente. Desenvolvimento sócio-econômico em bases morais, com a condenação do egoísmo, dos privilégios, das discriminações, da subversão e da corrupção. Progresso em harmonia com Deus e, portanto, respeito consciente à dignidade do ser humano.

##### 2.2 — EXPERIÊNCIAS E METODOLOGIA

Todos os assuntos devem ser enfocados em visão ampla da Política Nacional e ordenados nos campos em que se manifesta o Poder Nacional, sem esquecimento de sua interdependência.

O programa básico deve ensinar grande flexibilidade nos programas analíticos, permitindo-lhes evoluir de modo a se articularem periodicamente com a realidade brasileira, da

qual constituirão verdadeiros “termômetros”.

O estudo dos problemas brasileiros e as soluções aventadas devem ser impregnados das bases filosófico-constitucionais expostas no art. 2º do Decreto-lei 869/69 e esclarecidas no seu Regulamento. Isso importará em considerar, sempre, aspectos expostos no campo psicossocial.

Os conhecimentos e informações serão ministrados pelo professor, sobretudo com a realização de palestras (não formais), sempre que possível com o emprego de meios audiovisuais, e seguidas de debates que permitam a participação do aluno.

Considerando-se o vulto e a especialização dos assuntos e a necessidade de permanente atualização e interpretação dos fatos da conjuntura em desenvolvimento, deverão ser utilizados, quando aconselhável, conferencistas especialmente convidados. Evidentemente, deverão eles aceitar as bases filosóficas do Decreto-lei 869/69.

Visitas a diferentes instituições e organizações complementarão, com objetividade e realismo, as análises necessárias.

A participação do educando realizar-se-á através de debates, pesquisas e outras atividades, entre as quais a realização de Simposios e Trabalhos de Grupo, sob orientação do professor.

As pesquisas, preferentemente, versarão sobre assuntos vinculados aos cursos frequentados pelo educando.

Na medida do possível, deve ser estimulado o exercício da liderança: Trabalhos de Grupo, visitas, etc.

Nos termos da lei, a disciplina exige a verificação dos resultados da aprendizagem pelo mesmo sistema das demais disciplinas obrigatórias.

O Centro Superior de Civismo, que congregará todos os alunos do estabelecimento, sob a orientação de um elemento docente designado pelo respectivo diretor, terá sua diretoria eleita pelos alunos. Promoverá seminários, trabalhos de pesquisa, exposições, audições, representações teatrais, cursos livres de extensão universitária, cursos de pós-graduação, publicações, transmissões pelo rádio e televisão, e outros empreendimentos culturais, bem como conferências e palestras de comemoração das grandes datas cívicas e fatos marcantes da conjuntura nacional. Prestará culto aos símbolos nacionais e desenvolverá a prática educativa da moral e do civismo.

#### 3. Assuntos a serem tratados

Os aspectos seguintes, com estrutura bem mais análoga à de unidades didáticas, devem ser desenvolvidos de acordo com uma sequência de complexidade:

##### I — Introdução doutrinária:

— O Bem-Estar do brasileiro e da Nação. Política Nacional e Poder Nacional.

— Desenvolvimento integral e Segurança Nacional.

— Elementos básicos da Nacionalidade: a Terra, o Homem e as Instituições.

— Aspirações dos brasileiros e interesses nacionais. A Constituição; bases filosóficas e consequências.

— Objetivos Nacionais.

— As Informações na Política Nacional.

##### II — Campo Psicossocial:

— Fundamentos e fatores psicossociais do Poder Nacional.

— O caráter nacional.

— As bases filosófico-constitucionais e suas consequências. Implicações na Educação.

— As tradições nacionais. Valores permanentes e valores transitórios.

— Visão da sociedade brasileira e inter-relação dos aspectos psicossociais, econômicos e políticos.

— Comportamentos sociais; peculiaridades urbanas e rurais.

— Justiça social.

— O espírito religioso no complexo cultural brasileiro.

— Constituição dos grupos étnicos formadores, no folclore brasileiro.

— O Problema educacional brasileiro-qualitativo (valores permanentes) e quantitativo.

— A importância do campo psicossocial na Guerra Revolucionária.

— A propaganda e a contrapropaganda.

— Aspectos demográficos; o incremento populacional.

— Visão global da cultura brasileira.

#### III — Campo Político:

— A formação política nacional.

— Deveres e direitos do Cidadão. Constituição, ONU e OEA.

— A representação popular; processo eleitoral.

— A estrutura política, judiciária, administrativa e das Informações, no Brasil.

— Características da política externa.

— O Brasil na América do Sul, na América no Ocidente e no Mundo.

— As estruturas sociais contemporâneas: a democracia, espiritualista, o comunismo, ateu.

— Os movimentos extremistas no Brasil.

— A Segurança Nacional. A Segurança Interna.

— O Movimento Comunista Internacional. As frentes internacionais comunistas. Operações contra a subversão.

— O terrorismo e suas origens.

— Defesa Civil e Proteção Comunitária.

#### IV — Campo Econômico:

— A economia brasileira; estrutura e funcionamento.

— A indústria brasileira.

— A agropecuária brasileira.

— O comércio brasileiro, nas áreas nacional e internacional.

— A política financeira e fiscal.

— Os transportes.

— O problema energético.

— O desenvolvimento econômico.

— As regiões brasileiras; desequilíbrios sócio-econômicos.

— Riquezas nacionais: solo, subsolo e fundo do mar.

— Estruturas econômicas contemporâneas.

#### V — Campo Técnico-científico:

— A Ciência e a Tecnologia no desenvolvimento integral.

— Teoria do Planejamento.

— Métodos de Análise.

— Análises de sistemas e pesquisa operacional.

— A situação da ciência e da pesquisa no Brasil.

— Necessidade de know-how, no processo do desenvolvimento integral. Aspectos educacionais.

#### VI — Campo Militar:

— As Forças Armadas. O EMFA.

— A Segurança Nacional. A Segurança externa.

— O Serviço Militar.

— Mobilização e Informação.

— Defesa territorial.

— Aspectos da guerra contemporânea. A Guerra Revolucionária.

— Soberania, integridade e unidade nacionais.

Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1970, Palácio Tiradentes, 5º andar, Guanabara.

#### A COMISSÃO NACIONAL DE MORAL E CIVISMO

Gen. Moacir Araújo Lopes, Presidente da CNMC

Prof. Alvaro Moitinho Neiva, Vice-Presidente e Dirigente do Setor de Implantação e Manutenção da Doutrina

Prof. Pe. Francisco Leme Lopes SJ, Dirigente do Setor de Currículos e Programas Básicos

Alte. Ary dos Santos Rangel, Dirigente do Setor de Exame dos Livros Didáticos

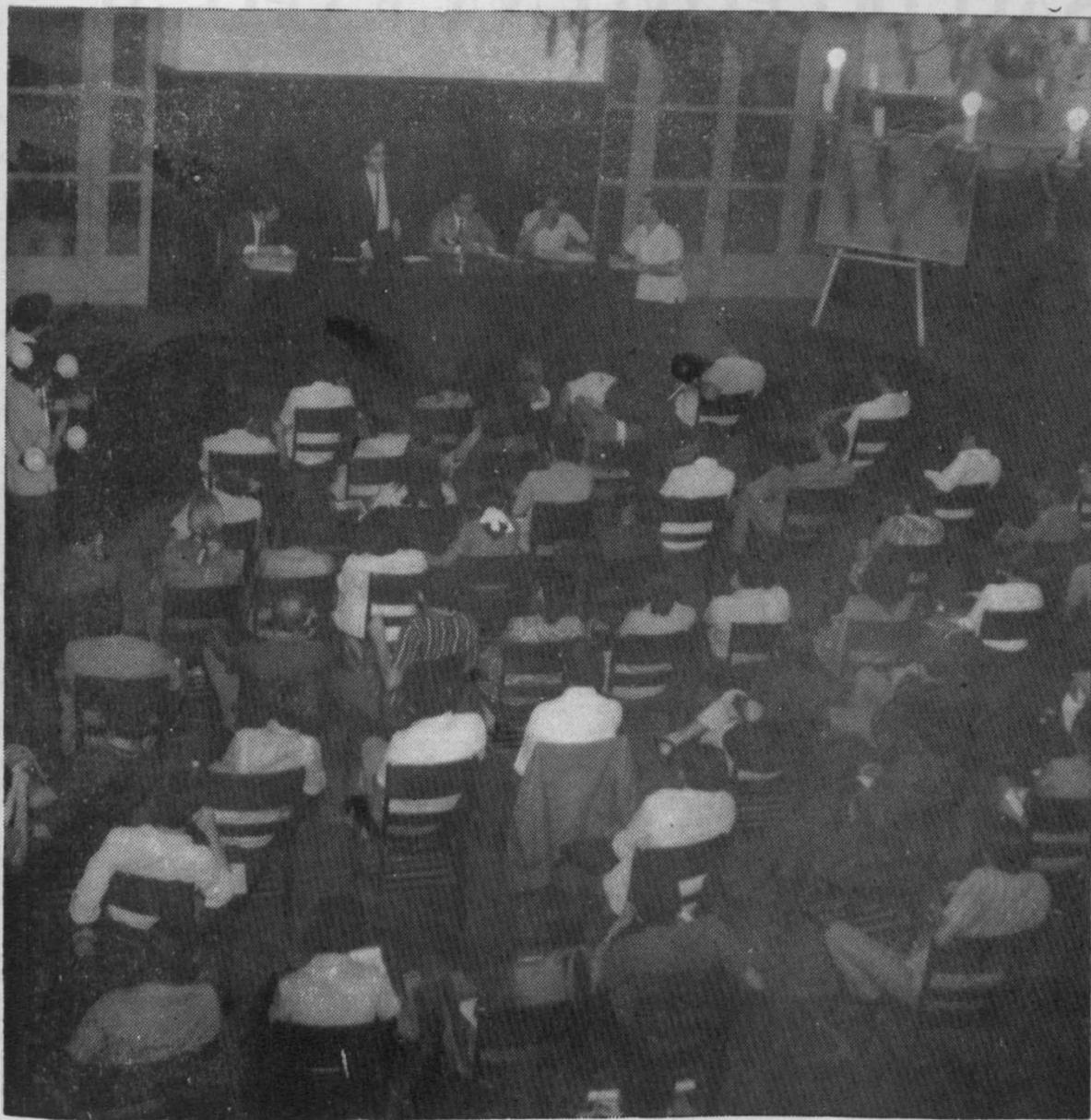
Prof. Eloywaldo Chagas de Oliveira

Prof. Humberto Grande

Prof. Guido Ivan de Carvalho

Prof. Hélio de Alcântara Avellar”.

# Curso Sôbre Problemas de Desenvolvimento



Abertura do curso sôbre Problemas de Desenvolvimento Brasileiro ministrado na Escola de Administração

## Alunos da UFPe. Realizam Pesquisas Sôbre Filariose nas Ruas do Recife

Centenas de alunos das Faculdades de Medicina e Farmácia da Universidade Federal de Pernambuco vêm realizando uma pesquisa na cidade, sôbre filariose, sob a coordenação do Departamento de Parasitologia da Universidade. A pesquisa foi iniciada na avenida Caxangá e demais ruas transversais daquela área.

Tal pesquisa, além das finalidades práticas do ensino dessa especialidade, destina-se também à promoção de uma ação comunitária, de vez que os acadêmicos procuram, neste trabalho, levar à população algumas noções profiláticas no que diz respeito à prevenção da filariose. Quanto ao primeiro aspecto, representa um emprêgo mais real daquilo que os alunos aprendem teóricamente nas suas aulas.

### OPINIAO

José Ricardo Barros, da Faculdade de Medicina, e que está chefiando uma das equipes pesquisadoras, declarou que, "caso sejam constatados, durante o desenrolar da pesquisa, alguns exames positivos de filariose, o resultado dos mesmos será imediatamente encaminhado aos respectivos donos. Se se constatar ao mesmo tempo, impossibilidades financeiras para o devido tratamento por parte das pessoas acometidas da moléstia, serão promovidos os tratamentos necessários pelos próprios acadêmicos, sob a orientação dos seus professores do Departamento especializado.

Foram constituídas várias equipes de cinco alunos, cada, ficando a área subdividida de acôrdo com o número de ruas e o das equipes. Eis as ruas em que vem sendo efetuada a pesquisa e o nome dos Universitários que vêm empreendendo êsse trabalho:

Pesquisa sôbre Filariose: equipes e respectivas ruas a serem visitadas:

Lado direito da Av. Caxangá (a partir do relógio):

Rua 19 de Novembro — Equipe 1:  
Cláudio (Chefe)  
Paulo Campelo  
Tereza Pessoa  
Maria Zélia Cavalcanti  
Eleonora de Lima

Rua Campos Sales — Equipe 2:  
Alberto (Chefe)  
Suzana Alves de Moraes  
Jaquison de Andrade  
Erinaldo Duarte  
Avelina Brandão

Rua Visconde do Uruguai — Equipe 3:  
Luiz Eduardo (Chefe)  
Frederico Jucá  
Caetano Gomes  
Flávio Moraes  
Marcos Batista  
Resende

Rua R. S. Bandeira — Equipe 4:  
Fernando Tavares (Chefe)  
Carlos Augusto  
Francisco Salatiel  
Valter Tenório  
José Ferreira

Rua Major Quinteiro — Equipe 5:  
Giani Mastroiani (Chefe)  
Fernando Walter  
Maria Lilian  
Aurilene Monteiro  
Paulo Roberto Reis

Rua Eliseu Cavalcanti — Equipe 6:  
Jesualdo Guedes Pereira (Chefe)  
Ângela Borba  
Romualda Castro  
Cleide  
Taciana Antunes

Rua Joaquim Alheiros — Equipe 7:  
Cláudio Marinho (Chefe)  
Rita Almeida  
Ana Albuquerque  
Maria do Carmo Cavalcante

Rua Paes Cabral — Equipe 8:  
Eduardo Maia (Chefe)  
Mozart Almeida  
João Gabriel  
Alvaro Monteiro  
Frederico

Rua João Lacerda — Equipe 9:  
Ernesto Kogan (Chefe)  
Cláudio Pessoa  
Eli Foigel  
Iêda Ludmer  
Estevão Gomes  
Raimunda

Rua Antero Mota — Equipe 10:  
Frederico Tabosa (Chefe)  
Ladjane

José Breno de Souza  
José Antunes  
Miriam Gomes  
Sônia Melo

Rua N. S. da Saúde — Equipe 11:  
Antônio Petronilo (Chefe)  
Pedro Geraldo de Albuquerque  
Pedro Tomaz  
Pedro Aliomar  
Cícero Moraes  
Luiz Alves de Figueiredo

Estrada do Caiara — Equipe 12:  
Carmem Lira (Chefe)  
Zilda Lopes  
Eliana  
Ubalina Medeiros  
Luzia Chaves

Rua Cap. Aurélio Araújo — Equipe 13:  
Tarcísio Veras (Chefe)  
José Domingos  
Irani Medeiros de Brito  
Robert  
José Faustino Diniz

Rua Nina Rodrigues — Equipe 14:  
Nadja Arraes (Chefe)  
Alexandre Barros  
Graça Bezerra  
Lourdes Barbosa  
Miriam Pimentel

Rua São Mateus — Equipe 15:  
Célia Maria Cals (Chefe)  
Sônia Wolfenson  
Maria Inez Labanca  
Maria Laura de Melo  
Virgília de Albuquerque

Rua Joaquim Cláudio Pereira — Equipe 16:  
Ademir Carneiro (Chefe)  
Carlos Alberto Fortunato  
Paulo Fernandes da Silva  
Paulo Max  
Geovanes

Rua Virgílio Marques — Equipe 17:  
Carlos Roberto Figueiredo (Chefe)  
Pedro Alves  
Ivan Lima  
Lázaro de Jesus Rocha  
José Airton

Estrada do Barbalho — Equipe 18:  
Rovésio Pardellas (Chefe)  
Carlos Alberto Lopes  
Marcelo Luiz Vieira  
Ariovaldo Monteiro

# BRASIL MOSTRA A SUA ARQUITETURA E COMPREENSÃO DO POVO NA EXPO-70

Desde 15 de março do corrente ano, que a EXPO-70 abriu suas portas ao público, marcando a sua presença como um dos maiores acontecimentos internacionais da década que inicia. Multidões de visitantes acorrem, diariamente, e enchem os pavilhões, parques, bazares, locais de recreação e restaurantes, num total aproximado de cinco milhões de pessoas.

Na EXPO-70, cada país participante expõe aos olhos do mundo as suas maiores realizações nos diversos campos da atividade humana, desde ciências naturais aos mais engenhosos trabalhos tecnológicos, científicos e eletrônicos, além de alguns produtos naturais. E ao lado dos países participantes figura o Brasil com o seu pavilhão, tendo como tema a palavra "Ritmo".

## A COMPREENSÃO DO BRASILEIRO

O mostruário do nosso país está situado sob a cobertura da estrutura que se abre para todos os lados, com o teto apenas tocando o solo. Este se eleva em suaves ondulações; a paisagem se ajusta à arquitetura. Através de numerosas janelas existentes na cobertura ornada, a luz solar, realçada por iluminação artificial, é filtrada para o interior espaçoso e sem paredes da construção, representando a compreensão do povo brasileiro, sempre pronto a receber com agrado todos os que desejam visitar e viver no Brasil.

Por simbolizar, o verde de sua bandeira, suas florestas verdejantes, o Brasil orgulha-se de ser a promessa de uma nova vida e das jovens energias de seu povo. Assim, seu Pavilhão na EXPO-70 é um notável exemplo da moderna arquitetura brasileira que atrai multidões de visitantes que para ali acorrem, não somente para admirar suas linhas audaciosas mas também para apreciar seus interessantes mostruários, ouvir um pouco da nossa música e provar do nosso café, desfrutando de um ambiente tipicamente brasileiro.

## O JAPÃO

Por ser a nação anfitriã, o Japão construiu o maior pavilhão da EXPO-70, o qual é tão interessante quanto à sua dimensão.

Cinco estruturas semelhantes a tambores cercam uma torre de 80 metros. Visto de cima o conjunto assemelha-se a uma flor de cerejeira, que é o emblema da mostra e também a flor nacional. Cada um dos cinco halls tem 58 metros de diâmetro e 27 metros, com cerca de 90 pés de altura. Subordinado ao tema "Japão" e "Japoneses", o pavilhão exibe o passado e o presente do país e do seu povo e todos os seus vários aspectos. A seguir, penetra no futuro quando o mundo virá a conhecer melhor o Japão e quando os japoneses terão desenvolvido seus sonhos. O Pavilhão Japonês explica com o tema da EXPO-70, "Progresso e Harmonia para a Humanidade", germinou e florescerá tal como uma flor de cerejeira. O mostruário, destarte, salienta o "progresso" que fez do desenvolvimento do Japão mais do que um mero "lapso de tempo". Ver-se-ão a indústria e a cultura contemporâneas bem como as esperanças para o século 21. Também merecerá destaque a "harmonia" de um Japão que atraiu tanto a cultura Oriental quanto Ocidental e que construiu sobre esta base dupla a estrutura de uma cultura vigorosa e exclusiva.

Conseqüentemente, os mostruários são dispostos nas três seções de ontem, hoje e amanhã, o Mukashi, Ima e Asu. Tudo é compreensível, pouco importando o local por onde começa o visitante; este, contudo, poderá acompanhar o fluxo da história entrando pelo Hall 1 e prosseguindo da esquerda para a direita, através dos outros salões.

Depois de ter sido transportado, através de uma distância de 42 metros, por uma escada rolante que começa abaixo da torre, o visitante está no Hall 1 e na seção Mukashi — o passado. Fotografias, reproduções e outros meios mostram a história do Japão. Épocas remotas são representadas por bonecos de barro "Haniwa". Períodos menos antigos, quando uma cultura aristocrática seguiu-se à introdução do budismo. As eras de Kamakura e Muromachi: a absorção das culturas chinesas de Sung e Ming bem como a criação da sua própria cultura de Zen. A era de Azuchi-Momoyama, a "cultura dourada". O Período Edo, com sua cultura de comerciante. É a Era Meiji que introduziu a cultura Ocidental e os tempos contemporâneos.

O Hall 2, subordinado ao tema Ima ou Hoje, demonstra a enorme escala e o crescimento dinâmico da indústria japonesa e a grande energia do povo japonês. Uma gigantesca parede de aço, com a forma de uma seção da pópa de um petroleiro de ... 300.000 toneladas, simboliza esta rapidamente crescente indústria. Sua face interna abriga uma massa de tela e modelos. Este salão mostra, também, a rica vida cotidiana dos japoneses e seu firme progresso.

Também subordinado ao tema de Ima, o Hall 3 enfatizou o sol e a água. Ali se vê a "Natureza japonesa e sua Utilização" e uma exploração das relações entre a natureza e o homem. Em exibição também uma "Floresta de Estatísticas" que mostra, em "slides", a população, indústria e povo do Japão. Há, outrossim, o "Mar do Japão" onde o visitante desfrutará de uma viagem submarina e se informará sobre a indústria pesqueira e a geração da energia por meios de ondas.

O Hall 4 é uma espécie de praça onde a mais recente tecnologia japonesa é apresentada: um carro de motor linear, itens para exploração Antártica, uma estrutura à prova de terremoto. Encontram-se também, ali, o "Salão do Pequeno Mundo", onde o visitante pode contemplar o que se passa, simul-

taneamente, em 17 lugares do mundo e as "Ilusões", onde verifica seu senso de equilíbrio.

Chega-se, então, ao Hall 5. Asu ou Amanhã é o tema e o filme titulado "O Japão e os Janoneses" constituiu a principal atração. A película é projetada numa vasta tela de 48 metros de largura: a projeção somente se tornou possível com a invenção de oito lentes de câmara de um tipo muito especial. No salão está, também o mostruário "Japão no século 21", no qual quatro organizações de pesquisa utilizam desenhos animados e modelos a fim de reproduzir uma imagem do Japão do futuro.

## SONHOS DO HOMEM TRANSFORMARAM-SE EM REALIDADE EM COMPUTOPIA

O Grupo Furukawa criou a "Computopia", uma utopia que torna-se realidade com o auxílio de computadores, no primeiro andar de um pagode de sete pavimentos. O mostruário e a antiga estrutura japonesa ajustam-se ao tema do Pavilhão que é "Sonhos, antigos e modernos".

A versão de Furukawa da Computopia, conforme é vista no pavilhão, possibilita ao público comandar, com a voz, máquinas que executam tarefas, fazem compras sem usar dinheiro ou cartões de crédito e desenhavam trajés em alguns segundos.

O Mostruário da Computopia mede seis metros de altura e tem uma área útil total de 1.681 metros quadrados.

É composto de três seções — seção Introdutória, Teatro Experimental e Música de Computador — todas mostrando as várias funções dos computadores atuais e do futuro. A seção Introdutória exibe uma escultura abstrata, titulada "Anel Moebius", em homenagem ao matemático, na entrada do mostruário. O "Anel Moebius" que mede cinco metros de diâmetro é o símbolo da Computopia, de conformidade com o que diz o seu autor, Masunobu Yoshimura. O Teatro Experimental é a atração central da Computopia. Apresenta cinco tipos diversos de jogos, utilizando computadores. O "jogo do robô controlado pela voz" mostra que o computador compreende um comando oral. Quando um visitante emite uma ordem através de um microfone, como "direito", "esquerdo", "abaixar" e "agarrar", em japonês, a mão do robô, suspensa do teto e sob o controle do computador, move-se de acordo com o comando.

O computador é capaz de compreender sete comandos orais diversos e instruir a mão do robô de acordo com eles. Trata-se de um jogo no qual o visitante pode mover a mão do autômato de acordo com sua vontade, mediante ordens apropriadas, fazendo-a apanhar uma bola no piso, e deixando-a cair no lugar certo. Enquanto o "jogo do robô" se destina às crianças, o computador que desenha vestidos" constitui uma atração para as mulheres. Ao receber do visitante uma folha de desenho, devidamente preenchida, contendo dados sobre seu tipo físico, cor favorita, estilo preferido etc., o computador a lê e desenha o melhor modelo para o interessado. O desenho de um metro de comprimento é oferecido ao visitante como lembrança.

Outras atrações do Teatro Experimental são o "jogo do GO com computador", no qual os apreciadores desse jogo, jogam-no com o computador, e o "teste de direção simulada" no qual o computador fornece o grau de habilidade do visitante na condução de um veículo.

Menção especial merece também, nesta seção, o banco da Computopia, e a loja onde as pessoas que "registraram" sua voz poderão sacar dinheiro sem assinatura e fazer compras sem dinheiro e até mesmo sem cartão de crédito.

O computador capta as características distintivas dos clientes, seja no banco seja na loja, e as memoriza. As características vocais, denominadas "impressões vocais", diferem de indivíduo para indivíduo tal como as impressões digitais. No caso do banco da Computopia, o registro do depositante é tornado ainda mais exato por uma câmara de televisão colocada nas proximidades que capta as características fisionômicas do mesmo e as memoriza no computador, junto às impressões vocais. Uma vez concluído o seu registro, tudo o que o freguês tem a fazer é dizer, com clareza, o seu nome, ao microfone do banco.

O computador verifica se a sua impressão vocal está registrada e o saldo da conta do depositante, e, a seguir, transmite um sinal que esclarece se pode efetuar-se o saque desejado.

Na computopia, o banco e a loja podem comunicar-se entre si a fim de que os empregados desta possam saber se a voz dos seus clientes está registrada no primeiro e se existe saldo suficiente em suas contas para cobrir as despesas feitas na loja.

Se alguém tentar apresentar-se como cliente registrado sem sê-lo, o computador imediatamente negará a condição e projetará a a fotografia do verdadeiro cliente. A última seção é dedicada à música em computador. Nela há um carrilhão de forma tubular, instalado em um palco que é flanqueado por dois órgãos eletrônicos. Quando o visitante faz soar o carrilhão e fornece um tema sonoro ao computador, este o registra e imediatamente compõe uma peça musical baseada no mesmo. O computador é acoplado aos órgãos eletrônicos que executam a música e a um projetor que projeta imagens multicoloridas numa tela. As imagens variam de acordo com o tipo da música.

## PAVILHÕES SEM PUBLICIDADE TÊM MUITO A OFERECER

Os Americanos têm sua rocha lunar, mas em alguns dos outros pavilhões estrangeiros na EXPO-

70 há muito que apreciar, embora esse muito não receba a publicidade merecida.

A Nova Zelândia possui os melhores e únicos "lamburgers" da feira.

A Colômbia serve o melhor café mas os visitantes do pavilhão Irlandês podem apreciar a bebida misturada ao excelente whiskey da Irlanda. O cinema existente no pavilhão do Brasil dispõe das que podem ser as mais confortáveis cadeiras da exposição.

São infladas de ar e os fatigados visitantes precisam de muita força de vontade para deixá-las, depois de uma sessão cinematográfica.

Alguns sustentam que a melhor cerveja da EXPO está no Hall da Cerveja Munich mas outros preferem a bebida norueguesa, sueca ou dinamarquesa, servida no Restaurante Escandinavo.

O Pavilhão de São Francisco oferece saborosas amêndoas torradas e passeios em réplicas dos famosos bondes dessa cidade. E, também, o único local da mostra onde se pode ouvir uma gravação de Tony Bennett cantando "Deixei meu coração em São Francisco", a qualquer hora do dia. Todos esses pavilhões possuem bonitas recepcionistas, mas o pavilhão Filipino é o que mais se destaca nesse particular.

O Pavilhão Alemão fornece parte da melhor música erudita existente na área da mostra, mas um conjunto que interpreta tórridos ritmos latinos, fora do Pavilhão Cubano, provavelmente, desfrutará de maior popularidade junto às multidões.

A República da China exibe um dos filmes mais aterrorizantes. Ao descer um caminho espiralado, os visitantes têm diante de si o fundo de uma estrutura em forma de silo onde existe uma tela que mostra automóveis adernando em estradas montanhosas, a uma velocidade perigosíssima.

O Pavilhão de Quebec possuía a única discoteca de exposição até que os funcionários desta a fecharam depois do aparecimento de notícias curiosas a respeito de frequentadores acusados de "beijar e esfregar peçoços durante as danças go-go".

A Colúmbia Britânica vende deliciosa cidra.

A melhor galinha assada à moda do sul está no American Park, mas os visitantes que gostam da ave no estilo tandoori poderão encontrá-la no restaurante do Pavilhão Indiano ou num local indiano menor, situado na Praça Internacional. E para aqueles que não quiserem esperar muito em fila, no Pavilhão Americano, a fim de ver a rocha lunar, o Pavilhão do Estado de Washington exibe uma pequena capsula plástica cheia de poeira lunar.

## CONGESTIONAMENTO NO CENTRO DE PESSOAS PERDIDAS NA EXPO-70

Uma companhia de câmaras que administrava um "centro de crianças perdidas" na área da EXPO, transferiu parte de sua tarefa à Associação da mostra, na última semana, de vez que existe um número excessivo de adultos perdidos.

Nas primeiras duas semanas, seguintes à abertura da feira, o "centro de crianças perdidas", recebeu cerca de 6.000 pessoas. Todavia, cerca de 60 por cento do total que procurou auxílio no centro era constituído de adultos.

Um deles era uma mulher que foi levada ao órgão, cerca de 13 hs. do dia 27 de março. Tudo que podia informar era que viera à EXPO em um grupo procedente da Prefeitura de Fukui. Ignorava o nome desse grupo bem como o local do seu pernoite. Contudo, recordava-se do número do telefone de sua residência. Uma chamada para esse número revelou, no fim da tarde, que a mulher estava em um grupo, que pernoitara num navio afretado, acostado no porto de Kobe. Ela foi levada para o barco, às 22 hs. do mesmo dia, depois que um líder do grupo a que pertencia, respondeu a uma chamada do centro.

Em outro caso, uma moça e seu irmão da Prefeitura de Niigata, ambos alunos de ginásio júnior, separaram-se de seus pais enquanto percorriam a área da mostra. Nenhum contato veio dos progenitores durante o dia. Os dois jovens passaram a noite no centro. Nada ocorreu, também, no segundo dia. Na segunda noite, os estudantes foram colocados numa instituição preferencial para crianças com problemas.

Depois que, pelo terceiro dia consecutivo, nenhuma comunicação foi recebida, os funcionários do centro lhes forneceram algum dinheiro e os enviaram à sua residência em Niigata.

Outro caso que demonstra a impossibilidade do centro em atender sua tarefa, é o de um jovem casal que visitou o órgão, acompanhado de uma criança e, em seguida, desapareceu. Depois de algumas horas retornou ao centro e apanhou a criança.

Um funcionário, ao perguntar a razão de uma ausência tão prolongada, teve a seguinte resposta: "Quizemos apreciar bem os pavilhões e não desejávamos ter as crianças conosco".

## OS VISITANTES DA EXPO ULTRAPASSAM A CIFRA DOS 5 MILHÕES

O número dos que visitaram a EXPO-70 já havia ultrapassado os 5 milhões em 1 de abril, três dias antes que a exposição mundial de Montreal, em 1967, anunciou a Associação da EXPO.

De acordo, ainda, com essa entidade, até aquela data, 18º dia da mostra, esta recebera 5.353.036 visitantes.

Acrescenta que na primeira semana da feira, quando o tempo manteve-se frio, a média diária dos visitantes fora de apenas 226.000, mas a melhoria do tempo bem como as férias escolares, coincidentes com a segunda semana, elevaram essa média para 314.000.

# ESCOLA DE ARTES PERDE PROFESSOR

## CRUTAC VAI DE VENTO EM POPA

PROF. NILO PEREIRA

Uma notícia que venho dar, do maior interesse para a Universidade Federal de Pernambuco e para a cultura em geral: — O Crutac-Pe., vai de vento em popa. Ainda outro dia, numa reunião, tive a oportunidade de ouvir o relato feito pela professora Haidée Teixeira, das atividades a serem desenvolvidas por esse órgão já implantado: — tudo se está processando da melhor maneira. Porque o Crutac é um ideal que se impõe. Tem um duplo objetivo: — o treinamento de alunos e ação comunitária.

Assim nasceu na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob o impulso e a direção do reitor Onofre Lopes, que é, sem favor, um herói. E alastrou-se por tôdas as universidades brasileiras, graças a um decreto do govêrno, que reconheceu nessa iniciativa — da qual o Rio Grande do Norte é pioneiro — uma obra útil, indispensável à vida e ao desenvolvimento das universidades.

Deve-se registrar que o Crutac-Pe. vem encontrando a melhor acolhida por parte de vários órgãos, porque, com efeito, é uma realização do mais amplo sentido cultural e humano. A Universidade é universal, todos o sabemos; mais o regional, o comunitário está nas suas próprias implicações como uma conotação natural que ela deve levar aos alunos, aos quais tem o dever de dar a visão da nossa realidade. Não é paternalista nem assistencialista; não promove ninguém a deputado nem a senador, porque não é político; não mistura interesses universitários com interesses pessoais; é um órgão, o Crutac, que executa a sua missão específica, treinando estudantes e fazendo ação comunitária. Daí, a sua necessidade na universidade brasileira, o que vale por uma consagração.

Poeta e pintor de primeira grandeza, Vicente do Rêgo Monteiro, professor da Escola de Artes da Universidade Federal de Pernambuco, não continuará mais presente fisicamente no convívio diário dos ciclos universitários e artísticos do Recife. A morte, inoportunamente, roubou-lhe a vida, numa manhã ensolarada do dia 5 de Junho de 1970. O artista, lúcido e consciente das suas obrigações de exímio cultor das artes plásticas, foi traiçoeiramente vitimado por enfarte, justamente no momento em que se dirigia ao aeroporto para empreender viagem rumo a Brasília, onde instalaria mais uma exposição de suas obras.

O corpo do poeta ficou exposto no salão nobre da Escola de Artes, à visitação pública. Com a presença de professores e alunos da Escola de Artes, representantes da Reitoria, de outros estabelecimentos de ensino, pintores, jornalistas, intelectuais, parentes e amigos do poeta e pintor Vicente do Rêgo Monteiro, o beneditino Dom Gerardo Martins oficiou, no dia seguinte à sua morte, o rito de encomendação do corpo.

Após o ato litúrgico, o professor Jaime de Oliveira, diretor da Escola de Artes, usou da palavra, fazendo o necrológio do pintor e poeta pernambucano, ressaltando-lhe o talento e sensibilidade artísticas e as qualidades humanas que marcaram sua personalidade, tendo destacado inclusive seu nomadismo vivencial e a filosofia da vida retratada em sua obra poética e na sua pintura.

O professor Lauro de Oliveira, por sua vez, ao usar da palavra, representando o Colégio Estadual de Pernambuco, salientou os traços humanos da vida de Vicente, a dimensão cultural e estética, em que se destacou como poeta, pintor, jornalista e professor, a bipolaridade de sua convivência, em Paris e no Recife e, enfim, sua filosofia de vida, visualizada em toda a sua obra poética e pictórica.

### CORTEJO

As 8h30m do sábado, 6 de junho, o cortejo fúnebre deixou a Escola de Artes da UFPE, no Benfica, dirigindo-se ao Cemitério de Santo Amaro, onde inúmeras pessoas aguardavam a chegada do esquife, inclusive o ex-governador Cid Sampaio. Acompanharão o funeral até o Cemitério, entre outros, os professores Jaime de Oliveira, Lauro de Oliveira e Waldemar Valente, pintores Wellington Virgolino e Wilton de Sousa, expositor Carlos Ranulfo, jornalistas Lourdes Sarmiento, Lúcio Coura Goes, Ivancil Constantino e Sócrates Times de Carvalho.

Opiniões de intelectuais, artistas e professores sobre a sua vida e a grandeza de sua obra:

Para Vicente do Rêgo Monteiro a vida era a sua única e grande fortuna, apesar de ter sido um dia fabricante de aguardente de cana — a famosa "Gravatá" — no engenho Várzea-Grande, Vitória de Santo Antão, nos idos da década de trinta.

"A vida é tudo o que tenho. A vida e somente a vida. É sobre ela que estou construindo a minha obra", costumava dizer aos amigos e pintor que foi um dos mais destacados participantes da Semana de Arte Moderna de 22.

Vicente, nasceu no Recife, em 1899.

### POETA TAMBÉM

Detentor do prêmio *Apolinaire*, uma das maiores lãureas da literatura francesa, Vicente, além de pintor, foi um poeta de grandes recursos. Escreveu a maioria de seus poemas em língua francesa.

"Para mim só existem duas cidades: Recife e Paris". Na capital francesa Vicente viveu os seus grandes dias, ao lado dos nomes mais expressivos da cultura moderna. Foi amigo de Picasso, de Jean Cassou e Claude Aveline. Em Paris se dedicou, ainda, à edição de plaquetes de poemas, através da sua "La Presse à Bras".

Le Figaro comentou: "Vicente do Rêgo Monteiro foi um dos primeiros artistas brasileiros a ter consciência da necessidade de possuir um vocabulário moderno. Soube no momento do cubismo vitorioso, fugir dos plágios e criar, há uns 40 anos, um estilo próprio, onde afirmou de senso de classicismo e da grandeza".

### EXPOSIÇÕES

Expôs pela primeira vez em 1913, no "Salon des Indépendants" em Paris, e a sua primeira exposição no Brasil se deu em Recife em 1922. O ano de 1922 é o da Semana de Arte

Moderna em São Paulo: Vicente, pioneiro do cubismo e do futurismo no Brasil, participa com 8 telas. Segue a fase parisiense de 1923 a 1931 com exposições nas mais importantes galerias, tais como Bernheim Jeune, Zack, Fabre (com prefácio de Maurice Raynal) no Salon des Indépendants (4 vezes), Salon d'Automne, Salon des Tuileries (2 vezes).

Funda com colegas o Salon des Surrindépendants, e o chamado "1940". Em companhia de Géo-Charles realiza uma exposição da "École de Paris" em Recife. De 1932 a 1936, Vicente retira-se no Engenho Várzea-Grande onde fabrica aguardente de cana "Gravatá". Em 1937 decora a Capela do Brasil no Pavilhão do Vaticano, da Exposição Internacional de Paris, e realiza com enorme sucesso, uma exposição na Galeria Katia Granoff, (prefácio de Géo-Charles). Professor de desenho no Ginásio Pernambucano de 1939 a 1946, Vicente realiza exposições no país e ganha diversos prêmios. Em 1947 volta a Paris, e, logo em 1948, realiza o "Mur de Poèmes" no "Salon de Mai" que vem se realizando cada ano desde então.

Durante todo o período de 1947 a 1956, dedica-se na sua "La Presse à Bras", à publicação de plaquettes de poesia de autores franceses. Em 1956 volta a expôr na Galerie de l'Odéon. E, apesar de ter assumido em 1957 a cátedra de Pintura da Escola de Belas Artes de Pernambuco da Universidade Federal, continua expondo em Paris. 1958, Galerie Royale; 1960, Galerie Ives Michel; 1962, Galerie Ror Volmar; 1963, Galerie de La Baume; 1964, Galerie R. G. (com prefácio de André Salmon). Durante este período, continua a sua atividade como poeta bilingue, e, em 1960, ganha o Prêmio Guillaume Apollinaire para o seu livro de poesias "Broussais-La Charité". Em 1966, Mario Bardi, impressionado pela importância histórica de Vicente do Rêgo Monteiro, entusiasmado com a obra por ele realizada organiza uma retrospectiva do artista no Museu de Arte de São Paulo. Esta exposição tem uma enorme repercussão nos meios interessados. Em 1967 Vicente volta a expôr em Paris: "Galerie Debret", a convite do Itamarati, e "Galerie Katia Granoff", com prefácios de Jean Cassou e Claude Aveline. Para 1970, Walter Zanini planejava uma grande mostra de Vicente do Rêgo Monteiro no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.

### PAN-BRASILEIRO

O sociólogo Gilberto Freyre escreveu, certa vez:

"Ninguém, como pintor, mais digno da admiração brasileira do que Vicente. Nenhum artista, dentre os que, historicamente, pertencem à famosa Semana de Arte Moderna de 1922 (São Paulo), mais merecedora dessa admiração do que esse recifense, a quem nunca faltou o sentimento pan-brasileiro. Vicente foi, talvez, o maior dos primeiros da modernização das artes no Brasil que, cronologicamente, data de 1922, e da Semana de Arte Moderna de São Paulo. Maior do que a insigne Tarsila — por ter sido, desde o seu início, como artista renovador, um modernista impregnado de indianismo. Maior pelo mesmo motivo — do que Brecheret. Sob possíveis sugestões do Regionalismo Tradicionalista e, a seu modo, modernista, do Recife, parece ter se antecipado a esses dois e a Leão Velloso, Anita Malfati, Emiliano Di Cavalcanti, Goeldi — os outros vigorosos pioneiros de 22 no Rio e em São Paulo".

### IMORTAL

O poeta César Leal, professor de teoria da Literatura, da Universidade Federal de Pernambuco, disse:

"Vicente do Rêgo Monteiro não morreu. Artistas da categoria de Vicente são imortais, pois suas obras continuarão a existir através dos tempos, como monumentos imperecíveis. Participou da Semana de Ar-

te Moderna de 22 como um de seus expoentes e se houvesse morrido aos 28 anos nem por isso deixaria de ser considerado um dos nossos autores mais representativos. Seu desaparecimento, agora, representa o golpe mais forte sofrido pela cultura brasileira no início da década de 70. Para ser quem foi, artista admirado pelos melhores intelectuais franceses, tendo ganho inclusive o *Prêmio Apollinaire*, jamais contou com o apoio dos poderosos mas apenas dos críticos de arte, de jovens repórteres e de amigos que reconheciam o seu talento".

### FAMÍLIA

O crítico Joel Pontes, lembrando as origens de Vicente, lembrou: "Ele pertencia a uma família de artistas. Seu irmão Joaquim, falecido ainda moço, e sua irmã Fédua Rêgo Monteiro Fernandes, professora da nossa Escola de Belas Artes, completam três estilos de pintura que constituíam um pequeno panorama das tendências mundiais. Vicente, apaixonado pela vida e pelas viagens, era como um pêndulo entre o Brasil e a França.

Poeta e pintor, curioso de todos os aspectos da cultura, tanto eruditos como populares, foi um dos primeiros artistas a se integrar no Movimento Modernista de São Paulo, em fevereiro de 1922. Seus quadros, junto aos de Lasar Segall, Anita Malfati e Tarsila sofreram o mesmo combate que a poesia de um Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e outros haveria de suportar. Do mesmo modo, terminou vitorioso e reconhecido como um dos grandes artistas nossos, não obstante sua formação francesa. Outros Modernistas eram, também, europeizados e nem por isso deixaram de contribuir — e muito — para o desenvolvimento da mentalidade estética no Brasil.

Como o poeta Bandeira, Vicente curou-se da fase polêmica do Modernismo participando do Regionalismo recifense de 1926 e nos anos seguintes. Porque, na verdade, era moderno — isto é, estava sempre preocupado em acompanhar o que se experimentava nos maiores centros de arte do mundo. Morreu moderno".

### NO LEGISLATIVO

O desaparecimento de Vicente do Rêgo Monteiro também repercutiu na Assembléia Legislativa, casa que o pintor visitava constantemente e que tem seu acervo alguns de seus quadros.

Vicente contava com inúmeros amigos na Assembléia.

E por iniciativa do deputado Edmir Régis foi consignado voto de profundo pesar, aprovado por unanimidade e que teve a seguinte justificação:

— Com a morte de Vicente do Rêgo Monteiro perdemos as artes plásticas e a poesia um dos seus maiores valores. E quando afirmamos isto não estamos, apenas repetindo o lugar comum. A rotina das justificativas. Não. Na verdade, VICENTE DO RÊGO MONTEIRO, no panorama da inteligência pernambucana, destacava-se como um dos seus maiores valores. E um valor que atravessou as fronteiras. Homem de uma sensibilidade rara, firmou-se como Poeta e como Pintor não só em Pernambuco, no Brasil, mas também no estrangeiro, especialmente na França. Nos principais Museus do Mundo vamos encontrar telas de Vicente, o que significa também a presença de Pernambuco. Como poeta, um dos melhores de nossa língua e da francesa, seu nome tem um lugar certo na história da poesia. Ainda o ano passado, foi publicada uma Antologia dos maiores poetas da língua francesa. E na obra está o nome de Vicente do Rêgo Monteiro ao lado de Rimbaud, Verlaine, Claudel e de outros expoentes da literatura francesa. Vicente do Rêgo Monteiro desaparece quando seu nome, como pintor se revelava em nova e rica fase, se firmava ainda mais nas artes plásticas brasileiras.

## CULTURA GERAL

### SOL

A Ary Luiz de Oliveira Peter

“Aqui se atualiza a impossível  
União de esferas de existência.  
Aqui passado e futuro estão  
Conquistados e reconciliados”.

T. S. ELLIOT

#### I

Aéreas formas de vida em  
perpétua meditação:  
rocha granítica e mármore  
estatuados em ícones.

Símbolos estruturados  
em mil fórmulas exatas  
marcando o tempo em que os raios  
de luz de ALFA-CENTAURO

São refletidos em nossas  
pupilas negro-azuladas,  
nesta Terra em que o hálito  
de SAL nos resseca a pele,

produzindo irreparáveis  
fraturas nos ossos sólidos,  
onde temos inseridos  
neutros temores e poros.

#### II

O apêlo ao que existe  
acima de nós, em lúcidas e  
puras configurações:  
SOL e ar, vácuo e Luz.

Na transparência lunar  
teu último itinerário  
de vôo de pássaro — fogo  
a mergulhar no horizonte,

Com o desdobrar metálico  
das rubras asas ardentes:  
— Onde as cálidas colinas?  
— Onde o ninho entre altitudes?

E na areia tumular  
com a bôca submergida  
dorme em repouso obscuro  
fundido à praia tranqüila.

## A Capoeira

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

O esporte da capoeira está tomando conta de muita gente por aí afora. A primeira vez que vi um legítimo — digo legítimo — ato de capoeiragem porque, na Bahia, por exemplo, há os capoeiras “ilegítimos” que fazem um belíssimo balé, mas só alguns sabem verdadeiramente a capoeira na defesa pessoal. Dois pretões altíssimos saíam de uma “birosca”, em Ipanema, desentendidos por qualquer motivo e, de repente, os capoeiras iniciaram os golpes, saltando, resvalando na elasticidade de dois gatões esperitíssimos. Era um espetáculo lindo, dado de graça a mim e eu quase perdi a hora do dentista porque fiquei de bôca aberta a apreciá-lo. Agora, até aqui em Brasília, já se fundam cursos onde os moços aprendem uma defesa do tipo bem brasileiro, sem aquela sinistra sangueira do “boxe”, mas que é capaz de alijar o inimigo seja por esporte ou por motivos de quem procura acautelar-se. Creio este esporte em expansão é dos mais belos do mundo e deve ser incentivado por constituir, dentro das lutas esportivas ou não, a qualidade, a desenvoltura e a capacidade de resolver questões, sem choques bravios e desgastes físicos. A capoeiragem começou nos tempos passados, entre os marginais. Agora, parece vir a ser desprezada por estes estabelecendo atrações para elites esportivas e para jovens que a procuram como sistema mais moderno do que o judô. Não sei o que pensam a respeito os professores das escolas de educação física. Por mim, acho que o sistema de luta dos capoeiras deve ser incrementado como forma de luta esportiva das mais brasileiras e belas. Será muito difícil assistir hoje, como assisti a uma luta de capoeira diante de uma “birosca” em Ipanema. Provavelmente, agora, ela aconteceria no Castelinho.

## Ô Problema do Livro

GILBERTO FREYRE

O problema do livro é dos que hoje mais preocupam quantos se interessam em ampliar ou intensificar as relações entre os povos de língua portuguesa. Porque, na realidade, permanece um problema sem solução. Sem solução satisfatória ou efetiva.

Ninguém ignora o fato: o livro brasileiro não está tão presente em Portugal ou no Ultramar Português quanto deveria estar. Nem o livro português — ou editado em Portugal — se encontra com facilidade no Brasil. É raro. É uma presença caprichosa: como que brinca de esconder com o público brasileiro. Mais exato é dizer-se que admitidas umas tantas excessões, o livro português é um grande ausente no Brasil. Um livro fantasma.

São ausências que não se compreendem a do livro brasileiro em Portugal e no Ultramar Português, e a do livro português no Brasil. Chega a ser ridículo vivermos a falar em cultura comum, em língua comum, em comunidade intelectual, quando o livro que, logicamente, deveria ser o principal elemento de ligação de brasileiros com portugueses no plano mais especificamente cultural, ao contrário chega a ser um obstáculo a essa ligação ou a essa aproximação. O próprio livro de autor brasileiro editado em Portugal aparece no Brasil com extrema dificuldade. É uma espécie de moura encantada.

Quais os atuais entraves a uma livre circulação do livro português no Brasil e do livro brasileiro em Portugal e no Ultramar Português? Vários, talvez. A disparidade no valor das moedas nacionais pode ser um deles. A rivalidade — até certo ponto saudável — entre editores daquém e dalem mar, é possível que seja outro. Mas serão obstáculos intransponíveis? Parece que não.

O que é preciso é que os verdadeiros entendidos no assunto se reúnam e sugiram aos dois governos medidas de ajustamento que eliminem ou reduzam as atuais dificuldades. Dificuldades que não parecem ao leigo, invencíveis. É um ajustamento que, entretanto está tardando.

Nos últimos anos, a música e o próprio teatro brasileiro vêm ganhando prestígio tanto em Portugal como no Ultramar Português. Cantores portugueses vêm se impondo à admiração de numerosos públicos brasileiros através do rádio e da televisão. O livro porém, se apresenta como um grande sub-desenvolvido ao lado dessas crescentes aproximações orais. Não está, de modo algum, desempenhando a função que lhe cabe desempenhar no desenvolvimento das relações culturais entre os povos de língua portuguesa.

## LIVROS

SEM LEI NEM REI, de Maximiano Campos, editôra O Cruzeiro. Estamos diante de um nôvo romancista — Maximiano Campos, nascido na Zona da Mata do Estado de Pernambuco, muito jovem ainda, inicia sua carreira de escritor com o tema de cangaço, na zona sertaneja do Estado.

Quando a gente inicia a leitura do Romance de Maximiano Campos não pode parar. Tem-se a impressão de estar diante de uma peça desenrolada nos áridos caminhos sertanejos.

Ariano Suassuna diz, a respeito de “SEM LEI NEM REI”: “O romance começa com uma estrofe do nosso Romancero erudito ligado ao popular, e acaba com outra do próprio Romancero Popular do Nordeste. É como se SEM LEI NEM REI fôsse, êle mesmo, um Romance popular em versos da Literatura oral nordestina; um romance em que o Cantador, depois de recitar a primeira estrofe, e tendo esquecido os versos, se transformasse num Contador de Histórias e narrasse o resto em prosa, para terminar o relato a seus ouvintes com a única estrofe que, depois daí, sabia decorada, a estrofe final”.

SEM LEI NEM REI é o primeiro romance de uma trilogia, da qual o segundo está pronto, se passa na Mata, e o terceiro, em preparo, transcorre no Litoral. A sua temática, nessa trilogia, é o homem deserdado da sorte, de pés estropiados pelas agruras da vida, mas envolvido num realismo poético e épico que o transforma num herói digno de nossa admiração.

### Presença de Alfenim no Nordeste Brasileiro

De Mário Souto Maior — Separata da Revista do Museu do Açúcar Vol. 3, Recife, 1969.

Alfenim tem gôsto de doce, doce de infância, gôsto de meninice nas cida-dezinhas de interior.

Vem, agora, Mário Souto Maior, que depois de nos dizer como nasce “um cabra da peste” conta tudo de doce sobre o alfenim.

Al Fanid, Alfenim, de procedência árabe, já teve o seu auge em terras do nordeste brasileiro. Condenado a desaparecer, dado a industrialização dos confeitos, o alfenim subsiste ainda em lugares menos atingidos pelo progresso.

O trabalho de Mário Souto Maior, obedece a rigoroso critério de pesquisa, e descobre um artesão do açúcar, que vem prestando um grande serviço às tradições brasileiras, impedindo a morte do alfenim; trata-se de João Jardelino Pereira, que o autor descobre em Machados, Pernambuco, que tôda semana desmancha oitenta quilos de açúcar na confecção de alfenins que vende nas feiras do interior.